

Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

**TERRITÓRIOS CULTURAIS DA PERIFERIA
DE OURO PRETO:
COLOCANDO OS "FUNDO DE BAIRRO" NO CENTRO**

Vitória Marques Fernandes

Ouro Preto
2025



Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



Vitória Marques Fernandes

**TERRITÓRIOS CULTURAIS DA PERIFERIA DE OURO PRETO:
colocando os “fundos de bairro” no centro**

Ouro Preto
2025

Vitória Marques Fernandes

**TERRITÓRIOS CULTURAIS DA PERIFERIA DE OURO PRETO:
colocando os “fundos de bairro” no centro**

Trabalho Final de Graduação
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Escola de Minas,
Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito parcial para obtenção
de título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Flora d’El Rei
Lopes Passos

Ouro Preto

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F363t Fernandes, Vitoria Marques.
Territórios culturais da periferia de Ouro Preto [manuscrito]:
colocando os “fundos de bairro” no centro. / Vitoria Marques Fernandes. -
2025.
74 f.

Orientadora: Profa. Dra. Flora d'El Rei Lopes Passos.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola
de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Espaços públicos. 2. Periferias. 3. Cultura popular. I. Passos, Flora
d'El Rei Lopes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Soraya Fernanda Ferreira e Souza - SIAPE: 1.763.787



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vitória Marques Fernandes

Territórios culturais da periferia de Ouro Preto: colocando os "fundos de bairro" no centro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura em Urbanismo

Aprovado em 02 de setembro de 2025.

Membros da banca

Profa. Dra. Flora d'El Rei Lopes Passos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Giselle Mascarenhas - Universidade Federal de Ouro Preto
Kedison Guimarães - Reinadeiro, Guarda de Moçambique e Diretor da Casa de Cultura Negra de Ouro Preto

Flora d'El Rei Lopes Passos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/10/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Flora Del Rei Lopes Passos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/10/2025, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0991965** e o código CRC **EFC6F83B**.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final desta etapa tão significativa, gostaria de expressar minha gratidão a todos que foram fundamentais para que este trabalho se tornasse realidade.

Meu primeiro agradecimento é à minha família: Elenimar, Geraldo, Selma, Elenice, Amanda e Antônio. Agradeço por todo o incentivo, pelo carinho e pela união que fortaleceu cada passo desta jornada. Sem vocês, nada disso seria possível.

À Flávia, meu amor e meu porto seguro, obrigada pela paciência infinita em me ouvir ao longo de toda a graduação. Seu apoio incondicional e sua presença constante foram o meu maior conforto.

À minha querida professora e orientadora, Flora Passos, arquiteta a quem tenho imensa admiração, meu sincero obrigado. Agradeço não apenas por ter aceitado me guiar nesta pesquisa, mas, sobretudo, pela compreensão, sabedoria e encorajamento que transformaram este processo em uma grande aprendizagem. Foi uma honra ser sua orientanda.

Aos demais professores da Graduação em Arquitetura e Urbanismo, fico igualmente grata pelo conhecimento compartilhado.

Aos meus amigos e colegas de curso, meus parceiros de caminhada, o meu obrigada por todos os momentos de alegria, desespero, aprendizado e companheirismo. A UFOP não seria a mesma sem vocês.

Aos amigos “da vida”, que estiveram além das salas de aula, meu agradecimento por tornarem tudo mais leve e especial. Obrigada por cada palavra de apoio, cada risada e por toda a fraternidade.

À Secretária de Cultura de Ouro Preto, em especial ao PROESP, agradeço pelo conhecimento compartilhado e pelas contribuições profissionais.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos os ouropretanos que, de alguma forma, tornaram esta pesquisa possível. Este trabalho é também um tributo à sua cultura.

RESUMO

A forma, a função e a evolução das cidades são diretamente influenciadas pelas práticas socioculturais que lhes conferem significado. Diante disto, esta pesquisa investiga a relação entre a cultura e a cidade em Ouro Preto, Minas Gerais, com foco na desigualdade de investimentos e invisibilidade entre as práticas socioculturais dominantes - concentradas no centro histórico da cidade, com foco na Praça Tiradentes - e as práticas periféricas - como o hip hop, as danças urbanas, as escolas de samba e o congado. A pesquisa se baseia na premissa de que a cidade, reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO, prioriza uma narrativa elitizada e turística, enquanto as expressões culturais periféricas são marginalizadas. A Praça Tiradentes é analisada como um espaço de poder e centralidade simbólica, palco de eventos grandiosos - financiados pelo poder público ou empresas privadas - enquanto os "fundos de bairro" - expressão trazida por artistas locais - abrigam manifestações culturais precárias de reconhecimento e apoio. Por meio de pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas com representantes culturais e questionários com os moradores, o estudo evidencia a segregação socioespacial e a exclusão cultural de parte da comunidade na cidade. Dessa maneira, é urgente que se repense o modelo de gestão cultural de modo que a diversidade seja valorizada e o direito à cidade de todos seja garantido.

Palavras-chaves: Cultura; Espaço urbano; Periferia; Praça Tiradentes; Território.

ABSTRACT

The form, function and evolution of cities are directly influenced by the sociocultural practices that give them meaning. In front of this, this research investigates the relationship between culture and the city of Ouro Preto, Minas Gerais, focusing on the inequality of investment and visibility between dominant sociocultural practices - concentrated in the city's historic center, focusing on Tiradentes Square - and peripheral practices - such as hip hop, urban dances, samba schools, and congado (Afro-Brazilian cultural expression). The research is based on the premise that the city, recognized as a World Heritage Site by UNESCO, prioritizes an elitist and tourist-oriented narrative, while peripheral cultural expressions are marginalized. Tiradentes Square is analyzed as a space of power and symbolic centrality, hosting large-scale events funded by public authorities or private companies, while the "back ends of neighborhoods" - an expression used by local artists - host cultural manifestations that lack recognition and support. Through bibliographic and documentary research, interviews with cultural representatives, and questionnaires with residents, the study highlights socio-spatial segregation and the cultural exclusion of part of the community in the city. Thus, it is urgent to rethink the cultural management model so that diversity is valued and the right to the city is guaranteed for all.

Keywords: Culture; Urban space; Periphery; Tiradentes Square; Territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manchete de reportagem jornalística sobre o Natal de 2024....	20
Figura 2 - Eventos na Praça Tiradentes, Ouro Preto.....	22
Foto 01 - Aniversário de Ouro Preto	
Foto 02 - Festival Internacional de Jazz	
Foto 03 - Mostra de Cinema de Ouro Preto - Cineop	
Foto 04 - Carnaval	
Foto 05 - Procissão Semana Santa	
Figura 3 - Dia a dia na Praça Tiradentes, década de 1930.....	26
Figura 4 - Comemorações na Praça Tiradentes.....	30
Figura 5 - Mapa de zoneamento com foco no centro de Ouro Preto.....	31
Figura 6 - Bens protegidos pelo IPHAN em Ouro Preto.....	32
Figura 7 - Mapa de localização dos representantes culturais.....	40
Figura 8 - Manchete de reportagem jornalística sobre o Carnaval de 2025.....	45
Figura 9 - Mapa "Você conhece ações e/ou grupos culturais em seu bairro?".....	49
Figura 10 - Manchete de reportagem jornalística sobre Patrimônio Imaterial em Ouro Preto.....	54
Figura 11 - Localização x Tipo de evento.....	56
Figura 12 - Equipamentos culturais de uso público em Ouro Preto.....	57
Figura 13 - MinaBeat - No Embalo do Charme (Largo do Cinema).....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Bairros que os respondentes residem.....	48
Gráfico 2 - Locais onde ocorrem os eventos em Ouro Preto.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de bens materiais tombados em nível federal por tipologia em Ouro Preto.....	11
Tabela 2 - Relação dos representantes entrevistados.....	13
Tabela 3 - Investimento das empresas de mineração na preservação dos patrimônios tombados de Ouro Preto.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. VILA RICA: A CIDADE-MONUMENTO COMO PALCO DAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOMINANTES.....	16
2.1 A PRAÇA TIRADENTES: UM ESPAÇO FIXO DE MANUTENÇÃO DE PRIVILÉGIOS?.....	17
2.2 A PATRIMONIALIZAÇÃO DE OURO PRETO.....	25
2.3 OS INVESTIMENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO.....	33
3. VILA POBRE: AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOS “FUNDOS DE BAIRRO”.....	39
3.1 OS FAZEDORES DE ARTE: DESAFIOS DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	41
3.2 O HIATO ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A REALIDADE PERIFÉRICA.....	46
3.3 PATRIMÔNIO MATERIAL X IMATERIAL: ONDE ESTÁ A VOZ DO POVO?.. 53	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A - Formulário Comunidade: Culturas Periféricas.....	67

1. INTRODUÇÃO

A relação entre cidade e cultura é indissociável, e as diversas práticas socioculturais produzem significado aos espaços urbanos, influenciando sua forma, função e evolução, além de fortalecer vínculos de identidade e pertencimento. Essas práticas refletem tradições, crenças, memórias e modos de vida das comunidades, enquanto a cidade serve como “palco”, ou melhor, como suporte. Compreendendo o espaço urbano como produto social, essa relação entre cidade e cultura também evidencia as desigualdades presentes, já que as práticas socioculturais dos grupos dominantes tendem a ser privilegiadas e valorizadas em detrimento das práticas socioculturais dos territórios periféricos.

Ouro Preto foi a primeira cidade reconhecida como Monumento Nacional, em 1933, e teve seu conjunto arquitetônico e urbanístico tombado, em 1938, logo após a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Foi, portanto, um dos primeiros processos de tombamento no país, quando o patrimônio era institucionalmente reconhecido pelo seu “valor artístico” e/ou “valor histórico” (Passos e Nogueira, 2019). O tombamento da cidade estabeleceu precedentes para a criação de políticas públicas de preservação do patrimônio e destacou a necessidade de valorização dos bens culturais que representavam a identidade nacional.

Pesquisadores identificam esta fase inicial de patrimonialização em nível federal como a fase da “pedra e cal” (Fonseca, 2009), devido ao grande número de tombamentos de cidades e monumentos isolados representativos do período colonial, sendo situados, principalmente, em Minas Gerais. Na Tabela 1, a seguir, é possível perceber a quantidade de bens tombados pelo IPHAN em Ouro Preto, por tipologia, sendo que todos os processos são da fase inicial de patrimonialização, destacando-se as igrejas barrocas.

Tabela 1: Número de bens materiais tombados em nível federal por tipologia em Ouro Preto

MUNICÍPIO	BENS MATERIAIS TOMBADOS PELO IPHAN				
	CONJUNTOS URBANOS	EQUIPAMENTOS PÚBLICOS (CHAFARIZES/PONTES)	ARQUITETURA CIVIL	TEMPLOS RELIGIOSOS CATÓLICOS	BENS MÓVEIS
Ouro Preto	1	12	5	27	2

Fonte: Passos e Nogueira, 2019 (modificado pela autora).

Ouro Preto também se destaca por ter sido a primeira cidade no país a ser declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1980, fato que corrobora para a supervalorização da cidade internacionalmente. A relação entre cidade e cultura marcada pelas igrejas barrocas, tradicionais festividades religiosas, além da conservação do conjunto urbano tombado é a que, principalmente, atrai visitantes de várias partes do Brasil e do mundo.

Sob este contexto, a proposta deste trabalho é provocar uma reflexão crítica acerca da ainda atual supervalorização das práticas socioculturais dominantes, onde a “cidade-monumento” (Sant’anna, 2014) é palco, tendo a Praça Tiradentes como caso-referência já que é onde acontecem os principais eventos culturais de Ouro Preto - como o aniversário da cidade, o Festival de Inverno, o Festival Internacional de Jazz, a Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP), o Carnaval, as procissões da Semana Santa, entre outras datas festivas do calendário litúrgico e os Cortejos - analisando os investimentos e atenções concentrados nesse espaço. E, por outro lado, investigar práticas socioculturais presentes nos territórios periféricos do distrito Sede, ou nos “fundos de bairros” - categoria nativa trazida por uma das artistas entrevistadas nesta pesquisa, conforme será abordado adiante. Buscamos colocar no “centro” (da cidade, da discussão) as práticas socioculturais dos territórios periféricos como agentes transformadores do espaço urbano.

A motivação desta pesquisa surgiu do entrecruzamento de vivências anteriores como moradora de Belo Horizonte (nasci e vivi 23 anos nesta cidade), ao observar o Viaduto Santa Tereza conhecido por abrigar manifestações culturais de origem periférica, e de vivências como moradora e estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo em Ouro Preto. Existem eventos de hip hop, batalhas de rima, danças urbanas ou outras manifestações ou práticas socioculturais semelhantes em Ouro Preto? Caso existam, por que essas práticas não são amplamente divulgadas e valorizadas? A partir dessas questões iniciais, quis entender qual a relação entre as práticas socioculturais, dominantes e periféricas, com a apropriação dos diferentes espaços urbanos da cidade e como determinadas práticas socioculturais são visibilizadas, em detrimento de outras. Por que as práticas socioculturais presentes nas áreas periféricas não possuem o mesmo investimento e destaque nas mídias ou nos calendários oficiais da cidade, especialmente quando comparadas aos eventos religiosos tradicionais ou financiados por empresas privadas?

Como objetivo geral, esta pesquisa pretende investigar a relação entre cultura e cidade em Ouro Preto e denunciar a desigualdade de investimentos e visibilidade entre práticas socioculturais dominantes e periféricas. Para isso, propomos: (1) analisar a supervalorização de práticas socioculturais dominantes, usando a Praça Tiradentes como caso-referência, visto que é palco dos principais eventos culturais do município e consolidou-se como uma centralidade simbólica e física; (2) investigar como práticas socioculturais periféricas se apropriam do espaço urbano de Ouro Preto, buscando denunciar a desigualdade de investimentos e visibilidade, em comparação às práticas socioculturais dominantes, usando como ponto de partida o coletivo Vila Pobre e investigando outras manifestações culturais.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho inclui: (1) pesquisa bibliográfica a partir de leituras de referências relevantes nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, História, Ciências Sociais, Psicologia e Geografia, visando à compreensão de conceitos e

noções pertinentes; (2) pesquisa documental em reportagens de jornais e revistas, redes sociais e no material de divulgação oficial da Prefeitura Municipal de Ouro Preto; (3) entrevistas com representantes de coletivos culturais e do Poder Público; (4) construção de diagramas e/ou mapas colocando em confronto as práticas socioculturais dominantes e as periféricas, que para além de uma metodologia utilizada serão abordados como produtos desta pesquisa; (5) coleta de opiniões e experiências dos moradores do município, por meio de questionário online.

Na Tabela 2 apresentamos a relação dos representantes que nos ajudaram na composição e construção desta pesquisa, todos autorizaram a identificação e gravação das conversas.

Tabela 2: Relação dos representantes entrevistados

GRUPO	INTEGRANTE	DATA	LOCAL
Coletivo Vila Pobre	Gabriela Augusta e MC Killa	02/02/2025	Residência das entrevistadas - Bairro Taquaral
Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia	Kedison Geraldo Ferreira Guimarães ¹	17/06/2025	Casa de Cultura Negra de Ouro Preto
Coletivo Conexão Zulu	Luana Brunely da Silva	30/06/2025	Online (via meet)

Fonte: Autoria própria, 2025.

Para além das informações orais coletadas por meio de entrevistas/conversas, este trabalho também destaca trechos de falas de outros atores, como dos integrantes do coletivo Palma Preta - Douglas Aparecido e Hanster Silva - que guiaram visitas em que tive a oportunidade de participar; de representantes do Poder Público que tiveram falas publicadas em reportagens e/ou mídias sociais; da comunidade ouropretana por meio do questionário online e de

¹ Kedison Guimarães também é guardião da Festa do Reinado e Diretor de Promoção de Igualdade Racial pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

representantes da União Recreativa do Santa Cruz e da Escola de Samba Unidos do Padre Faria também via questionário online.

Para além desta Introdução e das Considerações Finais e Referências, o trabalho é estruturado em dois capítulos principais. No primeiro capítulo desta pesquisa, nos apoiamos em estudos de autoras e autores de diferentes áreas de conhecimento, para entender a valorização artística e histórica de Ouro Preto enquanto cidade de monumentos “fixos” representativos do período colonial. Santos (2012) traz os conceitos de fixos e fluxos, nos auxiliando na compreensão da mudança do espaço fixo a partir do fluxo diário. Passos (2011) e Souza (2010) são acionados para entendermos a apropriação do espaço, além de Lefebvre (2000; 2001; 2008) e Harvey (2015) na abordagem do direito à cidade e do espaço como produto social nela inserido. A segunda parte do capítulo irá dialogar com autores que tratam da patrimonialização de cidades, como Sant’anna (2014), Moassab (2016), Arantes (2006) e Jacques (2003) e, especialmente, Simão (2016) que desenvolve suas reflexões a partir da cidade de Ouro Preto. Para finalizar o capítulo, a terceira parte apresenta dados e críticas a respeito de investimentos culturais na cidade, desse modo, as referências serão mobilizadas a partir da nossa análise sobre os dados oficiais.

No segundo capítulo buscamos analisar a realidade e os desafios cotidianos enfrentados pelos “fazedores de arte” - termo trazido por um dos entrevistados nesta pesquisa que será utilizado daqui para frente para referenciar os produtores de alguma manifestação cultural - em Ouro Preto, a partir de diálogos estabelecidos com seus representantes e articulando os dados quantitativos trabalhados com as vozes locais coletadas. Na primeira parte do capítulo, abordamos suas experiências concretas, enquanto na segunda parte dialogamos sob a perspectiva das comunidades periféricas ouopretanas. Para finalizar o capítulo, provocamos o debate crítico sobre patrimônio material e imaterial, situando essa tensão no contexto do município e articulando reflexões conclusivas a partir dos dados colhidos.

Esta pesquisa busca, portanto, denunciar a desigualdade existente entre os investimentos culturais na cidade de Ouro Preto quando falamos das práticas socioculturais dominantes, em detrimento das periféricas.

2. VILA RICA: A CIDADE-MONUMENTO COMO PALCO DAS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOMINANTES

Praça? A gente não chegou na praça ainda. Meu sonho como artista é chegar na praça. Eu queria dançar no centro, eu nunca dancei num palco no centro. E eu sei que, infelizmente, **como dançarina de danças urbanas, eu só vou dançar na praça se eu fizer o palco para eu dançar** (Gabriela Augusta, informação oral, grifo nosso)².

O trecho da fala que introduz este capítulo é da Gabriela Augusta, dançarina de danças urbanas e que se identifica como uma das coordenadoras do coletivo Vila Pobre. Trata-se de um coletivo, iniciado em 2015, que “realiza intervenções em diversas formas de expressão artística”³, formado por um grupo de 20 artistas de diferentes áreas, que tem o objetivo de disseminar a cultura brasileira, e dita periférica, na Região dos Inconfidentes - Ouro Preto, Mariana e Itabirito. A conversa com Gabriela ocorreu no dia 02 de fevereiro de 2025, na casa dela e de sua esposa, outra coordenadora do coletivo e que também participou da conversa. Vitória, que prefere ser chamada de MC Killa, é Mestre de Cerimônias⁴.

Na fala da dançarina, a “Praça” é seguida de um ponto de interrogação. Ela se refere à Praça Tiradentes, em Ouro Preto. Dançar num palco ali é um sonho inalcançável, a não ser que ela própria construa o palco. Foi a partir dessa conversa que estruturamos este trabalho.

Assim, neste primeiro capítulo buscaremos descortinar Ouro Preto, antiga Vila Rica⁵, como cidade-monumento, palco das práticas socioculturais dominantes, usando a Praça Tiradentes como caso-referência. Trata-se de um elemento fixo (Santos, 2012) na cidade que, assim como traz a nossa interlocutora, representa um espaço de

² Gabriela Augusta se identifica como uma das coordenadoras do coletivo Vila Pobre e foi entrevistada para esta pesquisa no dia 02/02/2025 na sua casa, no bairro Taquaral.

³ Instagram Vila Pobre, disponível em: <https://www.instagram.com/vilapobre/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

⁴ Mestres de Cerimônia, no funk e rap, são artistas que usam a voz para expressar mensagens, contar histórias ou se apresentar por meio de rimas e letras.

⁵ A fundação de Vila Rica está atrelada ao ciclo do ouro em Minas Gerais, iniciado no final do século XVII. O povoado, da atual Ouro Preto, foi elevado à vila em 1711, após conflitos na região (Vasconcellos, 1977).

poder, servindo historicamente como suporte para práticas socioculturais dominantes e onde hoje estão concentrados os principais eventos culturais promovidos pelo poder público, com investimentos públicos ou privados, tema abordado no primeiro subcapítulo. Entendendo que esta dinâmica de centralização de investimento e visibilidade é resultado de um processo histórico ligado à patrimonialização da cidade de Ouro Preto, no segundo subcapítulo, buscamos desvendar o processo inicial de patrimonialização do conjunto urbano que traz reflexos importantes no presente. Por fim, o terceiro subcapítulo traz uma análise crítica dos investimentos em cultura - eventos e restaurações de monumentos - mostrando que as práticas socioculturais dominantes concentram grande parte dos recursos públicos (ou via financiamento de empresas em ações de contrapartida ou compensação).

2.1 A PRAÇA TIRADENTES: UM ESPAÇO FIXO DE MANUTENÇÃO DE PRIVILÉGIOS?

Como explicado pelo geógrafo urbano Christian Schmid no artigo “A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional”, o espaço urbano não existe em “si mesmo”, ele é produzido a partir do resultado de processos dinâmicos e contínuos de transformações sociais, políticas e econômicas, e reflete dinâmicas de poder, exclusão e resistência (Schmid, 2012). Nesse sentido, a produção da cidade está diretamente relacionada à forma como os recursos urbanos são distribuídos e acessados pelos diferentes grupos sociais, como aponta Don Mitchell:

No espaço público - na esquina das ruas ou nos parques, nas ruas ao longo dos tumultos e manifestações - as organizações políticas podem se representar para uma população mais ampla e essa representação confere aos gritos e demandas alguma força. Ao reivindicar o espaço público, ao criar espaços públicos, os grupos sociais tornam-se eles próprios públicos (Mitchell *apud* Harvey, 2015, p. 151).

Assim, o direito à cidade⁶ surge como um conceito fundamental para se pensar justiça social e equidade no espaço urbano.

Para Henri Lefebvre (2008), filósofo francês, em seu livro "Direito à cidade", o espaço urbano não é apenas um cenário onde as relações sociais ocorrem, mas também um produto dessas relações, sendo assim, entendemos os direitos que os distintos grupos sociais possuem no que diz respeito à apropriação dos espaços. O autor retrata que esse direito pode ser entendido a partir da forma que os usuários querem se apropriar do espaço e a escolha dele em si. Além disso, Lefebvre (2000), em outra obra - "A produção do espaço" - estabelece três conceitos distintos para explicar o espaço: o espaço concebido, o percebido e o vivido. O espaço concebido é organizado e idealizado a partir dos interesses dominantes, refere-se à escala de planejamento, da gestão, das estruturas que vão organizar o espaço vivido, mediado pelo conhecimento técnico e pelo poder. O espaço percebido é experimentado e compreendido pelas pessoas no cotidiano e refere-se à escala do que é vivido de forma imediata, do micro espaço e do corpo e, o espaço vivido, é o da experiência subjetiva, que carrega significados e emoções, o que vai se referir ao simbólico, é o espaço trazido anteriormente ao falar das relações diárias, apropriação e resistência do dia-a-dia.

Logo, o espaço vivido, carregado de subjetividade, é onde podemos materializar as reivindicações coletivas pelo direito à cidade discutidas pelo geógrafo David Harvey (2014), em seu livro "Cidades rebeldes do direito à cidade à revolução urbana". Segundo autor:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual (Harvey, 2014, p. 28).

A cidade, ao longo da história, sempre foi espaço de convergência, onde diferentes indivíduos se encontram para negociar, conviver e tomar decisões coletivas.

⁶ Conceito amplamente difundido por Henri Lefebvre (1968).

Desde a Ágora ateniense até as praças públicas das cidades medievais e renascentistas, o espaço urbano tem servido como palco para manifestações culturais, econômicas e políticas. Richard Sennett, sociólogo norte-americano, em seu livro “Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental”, aborda a cidade ateniense como uma “obra de arte”, resultante dos atos criativos dos cidadãos. Ao investigar a evolução dos espaços públicos, o autor destaca como praças e ruas foram projetadas para facilitar as interações culturais, políticas e econômicas (Sennet, 1997), o que nos ajuda a entender a construção do espaço urbano a partir dos encontros e trocas sociais, entendendo a cidade como produto social, conforme defendido por Lefebvre (2000) em sua teoria da produção do espaço.

Nesta perspectiva, trazemos a Praça Tiradentes, espaço urbano mais simbólico de Ouro Preto, Minas Gerais, como caso-referência, para entendermos a dinâmica de poder e de encontro do espaço público. A Praça Tiradentes, localizada no chamado “centro histórico”, é cercada por construções representativas do período colonial e abriga monumentos com grande reconhecimento na história oficial. Dando visibilidade a este “cenário” colonial, o município acaba investindo muito no desenvolvimento turístico elitizado da cidade, sem a participação efetiva dos moradores neste processo, caminhando para uma realidade que pode se assemelhar às dinâmicas de espetacularização e turistificação das cidades, como explicado pela arquiteta e urbanista Paola Jacques no artigo “Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?”. De acordo com a pesquisadora, “a memória da cultura local - o que a princípio deveria ser preservado - perde-se em prol da criação de grandes cenários para turistas” (Jacques, 2008, p. 34).

Figura 1: Manchete de reportagem jornalística sobre o Natal de 2024.



Fonte:

<https://diariodocomercio.com.br/variedades/natal-ouro-preto-preve-atrair-90-mil-turistas>
 / . Acesso em: 23 fev. 2025.

A manchete da reportagem publicada no fim do ano passado (Figura 1) se assemelha com um processo de “venda da cidade”, sobre o qual nos fala Jacques (2008), onde o espetáculo é priorizado em detrimento das comunidades locais, com uma decoração de Natal - principalmente instalada na Praça Tiradentes - visando a atração de cerca de 90 mil turistas para a cidade. A reportagem é introduzida pelos dizeres: “a histórica Ouro Preto está mais encantadora do que nunca para este Natal e Ano Novo”⁷.

A Praça Tiradentes é o principal local de destaque dos enfeites natalinos e é palco para diversos eventos que reforçam uma cultura vinculada à elite ouropretana e aos visitantes. Segundo dados da Secretaria Municipal de Cultura (2024), cerca de 29% dos eventos culturais na cidade ocorrem na Praça Tiradentes, fato que evidencia a supervalorização deste espaço para a celebração de eventos e festividades.

A praça sedia diversos eventos anuais. Dentre eles, os que mais se destacam são: o Aniversário de Ouro Preto (Figura 2 - Foto 01), evento que celebra o aniversário da cidade no início do mês de julho, sempre com

⁷ Trecho retirado da notícia do Diário do Comércio. Disponível em:
<https://diariodocomercio.com.br/variedades/natal-ouro-preto-preve-atrair-90-mil-turistas>
 / . Acesso em: 23 fev. 2025.

grandes nomes da música brasileira; o Festival de Inverno, em julho, evento com programação majoritariamente voltada a shows musicais, mas que também inclui artes plásticas e cênicas. Além disso, há o Festival Internacional de Jazz (Figura 2 - Foto 02) e a Mostra de Cinema de Ouro Preto - Cineop (Figura 2 - Foto 03), que atrai muitos turistas e, normalmente, são eventos financiados por empresas, via contrapartida ou compensação. O Carnaval (Figura 2 - Foto 04) é um importante momento de apropriação coletiva da Praça, tendo shows musicais e blocos carnavalescos durante o dia e desfiles de escolas de samba à noite. E, ainda, podemos destacar os eventos religiosos tradicionais de matriz católica, como as procissões da Semana Santa (Figura 2 - Foto 05) entre outras datas festivas do calendário litúrgico e os Cortejos, além de comemorações cívicas e históricas e atos de protesto.

Figura 2: Eventos na Praça Tiradentes, Ouro Preto⁸



Fonte: Autoria própria, 2025.

⁸ Foto 02, Ane Souza, 2018. Foto 05, Ane Souza, 2019. Foto 06, Ane Souza, 2024. Disponível em: <https://flickr.com/photos/anesouzop>. Acesso em 12 fev. 2025.

Foto 03, Jornal Voz Ativa, 2024. Disponível em:

<https://jornalvozativa.com/cultura/agenda-cultural/festival-tudo-e-jazz-ouro-preto-01-a-04-de-agosto/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Foto 04, Universo Produções, 2024. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/universoproducao/53810753250/in/album-72177720318109240>. Acesso em: 19 fev. 2025.

A Praça Tiradentes pode ser analisada a partir dos diferentes conceitos de espaço explicados por Lefebvre: *concebido*, quando trazemos o planejamento dominante da patrimonialização e história da cidade, *percebido* quando analisamos a forma como moradores e/ou visitantes percebem esse espaço e, por último, *vivido*, quando trazemos a perspectiva da apropriação cotidiana e em datas festivas, como é o caso do Carnaval, momento em que as experiências são únicas e cheias de significado para cada indivíduo e para a coletividade. Assim como, a relação dos fluxos das pessoas, mercadorias e das vivências do dia-a-dia no espaço fixo⁹, conceitos trazidos pelo geógrafo Milton Santos nos fazem entender a relação entre o espaço urbano e o indivíduo e os reflexos que um tem sobre o outro. 37881

A priorização dos eventos na Praça Tiradentes por parte do poder público, pode ser visto como um reflexo de políticas culturais que marginalizam as práticas socioculturais periféricas. Movimentos ligados ao hip-hop, rodas de samba e festas populares enfrentam obstáculos para ocupar espaços centrais do município, e quando conseguem chegar próximos dessa centralidade são censurados, as pessoas não podem expressar suas falas e suas verdades pois podem sofrer represálias. O palco de hip-hop do Carnaval é um exemplo disso. Na conversa com as coordenadoras do coletivo Vila Pobre, MC Killa disse:

[...] a gente tem um palco censurado, sabe?! A gente tem o palco do Hip Hop no Carnaval, eu sou MC também, tem 10 anos que eu canto e eu nunca subi nesse palco, porque é um palco censuradasso [sic], não pode falar um 'a' diferente que eles arrancam o fio da caixa, então pra mim é uma coisa que é um absurdo, ter isso até hoje (MC Killa, informação oral).

Conceitos como “gentrificação cultural” podem ser atrelados à cidade de Ouro Preto, visto que o município possui um turismo característico, que leva à comercialização das tradições locais, como as festas religiosas e os eventos grandiosos, conforme citado anteriormente,

⁹ Conceitos de fixos e fluxos, que Milton Santos trabalha no livro “Por uma nova geografia: da crítica da geografia a uma geografia crítica”.

sendo assim, os grupos culturais periféricos raramente se apropriam do espaço central, pela falta de sentimento de pertencimento, que é consequência da falta de incentivos para que essas apropriações aconteçam.

No artigo 84 da Seção II da Lei Complementar nº 93, de 20 de janeiro de 2011, temos as diretrizes básicas da ZPE - Zona de Proteção Especial, zoneamento em que o centro histórico da cidade está inserido, que dita sobre a manutenção de alguns critérios para que haja a preservação do acervo paisagístico-urbano-arquitetônico do local, sendo um deles “as manifestações culturais” (Ouro Preto, 2011), ou seja, valorizar as tradições, as festas, a arte e os hábitos locais também dão identidade ao lugar, e mais do que somente shows grandiosos ou uma cultura religiosa, Ouro Preto também é uma cidade de hip hop, de artes manuais, de danças urbanas e todas as culturas devem ser preservadas e incentivadas.

A supervalorização da Praça Tiradentes como palco dos eventos elitizados evidencia a tensão entre a memória e a contemporaneidade na cidade. Enquanto a agenda cultural prioriza o lucro e os turistas, as práticas populares vão para as periferias, em virtude da ausência de se sentirem pertencentes a um lugar de tamanho destaque no município. A comunidade que produz expressões culturais periféricas perde seu “direito à cidade” (Lefebvre, 2001), em virtude da transformação da cidade em um teatro para os turistas, mesmo a praça sendo um lugar público ela não é acessada e utilizada por toda população da mesma forma.

A praça mostra relações de poder em que a elite ouropretana e a cultura hegemônica são favorecidas, desde o período da patrimonialização. No Dossiê de Tombamento do Núcleo Histórico de Ouro Preto, temos o relato do arquiteto urbanista Rafael Arrelaro, então membro do conselho representante do IPHAN:

Mais do que isso, o ato de João Velloso mostrou que o valor de Ouro Preto está em seu passado, e serviu como um marco importante para a proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, uma referência de como, já em 1931, uma cidade pode reconhecer que o passado e o presente convivem em direção a um futuro que,

sem dúvida, deve respeitar suas referências (PREFEITURA DE OURO PRETO, 2011, p.106).

Ele afirma que a atitude de João Velloso, prefeito na época de 1930, valorizou a cidade enquanto seu passado, mas precisamos entender também que a cultura periférica sempre existiu e é tão importante quanto a cultura dominante.

Dessa maneira, a análise da Praça Tiradentes a partir da tríade lefebvriana revela um palco de conflito. O espaço concebido pelas instâncias de poder - materializado pelas políticas de patrimonialização, pelo zoneamento urbano e pela presença de eventos de grande porte - busca perpetuar a narrativa hegemônica para o consumo turístico. Em contrapartida, o espaço vivido pelas expressões culturais periféricas e pelos coletivos culturais constitui uma outra narrativa, de luta e apropriação do espaço. Essa tensão nega o direito à cidade e o direito à participação, no que diz respeito à tomada de decisões, para uma parte da população e, dessa forma, a Praça Tiradentes é colocada como o “centro” de um conflito.

2.2 A PATRIMONIALIZAÇÃO DE OURO PRETO

A Praça Tiradentes sempre desempenhou um papel central na vida urbana de Ouro Preto, durante o período colonial, esse lugar era o epicentro das atividades políticas, econômicas e sociais, funcionando como espaço de encontro e circulação (Figura 3). “A praça central é longa, [...] situado a meio caminho entre o antigo Palácio dos Governadores e a bela Casa de Câmara e Cadeia do século XVIII” (Smith, 2012, p.346).

Figura 3: Dia a dia na Praça Tiradentes, década de 1930.



Fonte: Acervo IFAC - Fotos: Luiz Fontana

A cidade de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais, foi o epicentro do Ciclo do Ouro¹⁰ no Brasil colonial e cenário de movimentos como a Inconfidência Mineira. Seu processo de patrimonialização ocorreu no contexto do modernismo brasileiro e da busca por uma identidade nacional. O Dossiê de Tombamento do Núcleo Histórico de Ouro Preto explicita o que aconteceu neste contexto modernista:

A visita de um grupo de modernistas de São Paulo a Ouro Preto, em abril de 1924, repercutiu na imprensa mineira, [...], a partir do que os poetas e escritores modernistas de Belo Horizonte passaram também a defender a salvaguarda do patrimônio histórico do Estado. [...] recomendando ao clero cuidado especial com os elementos artísticos de suas paróquias (Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 2011, p. 1-2).

Os modernistas visitaram a cidade e se impressionaram com a arquitetura e com os elementos artísticos dos templos religiosos. E então, na década de 1930, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, deu-se início ao processo de patrimonialização de Ouro Preto, que foi um dos primeiros processos de tombamento no

¹⁰ O Ciclo do Ouro foi um período do Brasil Colônia em que a extração de ouro foi a principal atividade econômica, ocorrido no século XVIII, nas regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Atualmente, as abordagens históricas não utilizam mais do termo "ciclo", porque não necessariamente existiu um início e fim.

país, momento em que o patrimônio era reconhecido pelo seu “valor artístico” e/ou “valor histórico”.

Em contrapartida, o antropólogo Antônio Augusto Arantes, em seu artigo “O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana” fala que “o ponto de partida tácito é que o patrimônio é construção social e, assim sendo, torna-se necessário considerá-lo no contexto das práticas sociais que o geram e lhe conferem sentido” (Shalins, 1981; Giddens, 1984; Archer, 1988; Bernstein, 1988 *apud* Arantes, 2006, p. 426). Logo, entendemos que além do seu valor histórico e artístico deve ser levado em consideração os reflexos das práticas sociais, atribuídos como “valor social”, nesses patrimônios.

O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto, com inscrição no Livro de Tombo de Belas Artes se deu em 1938, pouco depois da criação do então SPHAN (atual IPHAN) órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro e da publicação do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que instituiu o instrumento do tombamento. Em 1980, Ouro Preto foi a primeira cidade declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, fato que ampliou sua visibilidade internacional. Entretanto, esse reconhecimento global reflete paradoxos nesse cenário: de um lado, a possibilidade de captação de recursos para a conservação dos monumentos, no entanto, sendo entendida, muitas vezes, como um “museu a céu aberto”¹¹, a destinação destes recursos não são pactuados com a sociedade civil, excluindo, principalmente, as comunidades periféricas.

A patrimonialização de Ouro Preto ocorreu sob a ótica da preservação monumentalista, com foco na materialidade das construções. Entendendo o contexto histórico em que a cidade vivia, sabemos que houve pouca participação popular na tomada de decisões e, como consequência, com o crescimento urbano da cidade, existiram e ainda existem conflitos entre o centro consolidado e o seu entorno (Leite, 2021,

¹¹ Expressão frequentemente utilizada para descrever Ouro Preto devido ao seu vasto patrimônio histórico e arquitetônico.

p. 74), quando falamos da arquitetura, revelando uma dicotomia entre o discurso da valorização do passado e as necessidades do cotidiano atual.

Ainda a respeito da monumentalização, o historiador Pedro Paulo Funari, em seu artigo "O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo de Palmares", traz as considerações de Eunice Durham a respeito dos monumentos como patrimônio pelas instituições oficiais, como aqueles relacionados à "[...] história das classes dominantes, os monumentos preservados são aqueles associados aos feitos e à produção cultural dessas classes dominantes. A História dos dominados é raramente preservada" (Durham *apud* Funari, 2006, p. 40).

Esse trecho nos remete à outra fala da Gabriela Augusta, coordenadora do coletivo Vila Pobre, a respeito das exposições dos museus da cidade de Ouro Preto:

É historicamente importante, mas é um pouco constrangedor, porque assim, eu que sou preta, eu fico "p." da vida, que eles colocam um brasão em homenagem a Portugal, toda vez que é possível. Quando você vai lá ver, é o colar que a portuguesa usava, é o brinco que a portuguesa usava (Gabriela Augusta, informação oral).

A partir dessa lógica monumentalista, é perceptível que o processo de patrimonialização de Ouro Preto privilegiou os bens materiais - igrejas, casarões e chafarizes - como símbolos de uma memória oficial, enquanto as manifestações culturais imateriais permaneceram à margem do reconhecimento institucional.

No capítulo "3.3 *Patrimônio Material X Imaterial: onde está a voz do povo?*" vamos discutir essa relação e como a Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº3.551/2000 representaram marcos na ampliação do conceito de patrimônio cultural, incorporando os saberes, celebrações e modos de vida como bens dignos de salvaguarda. Além de trazer Maria Cecília Londres Fonseca (2009) para discutirmos a respeito da resistência que esse discurso apresenta na prática.

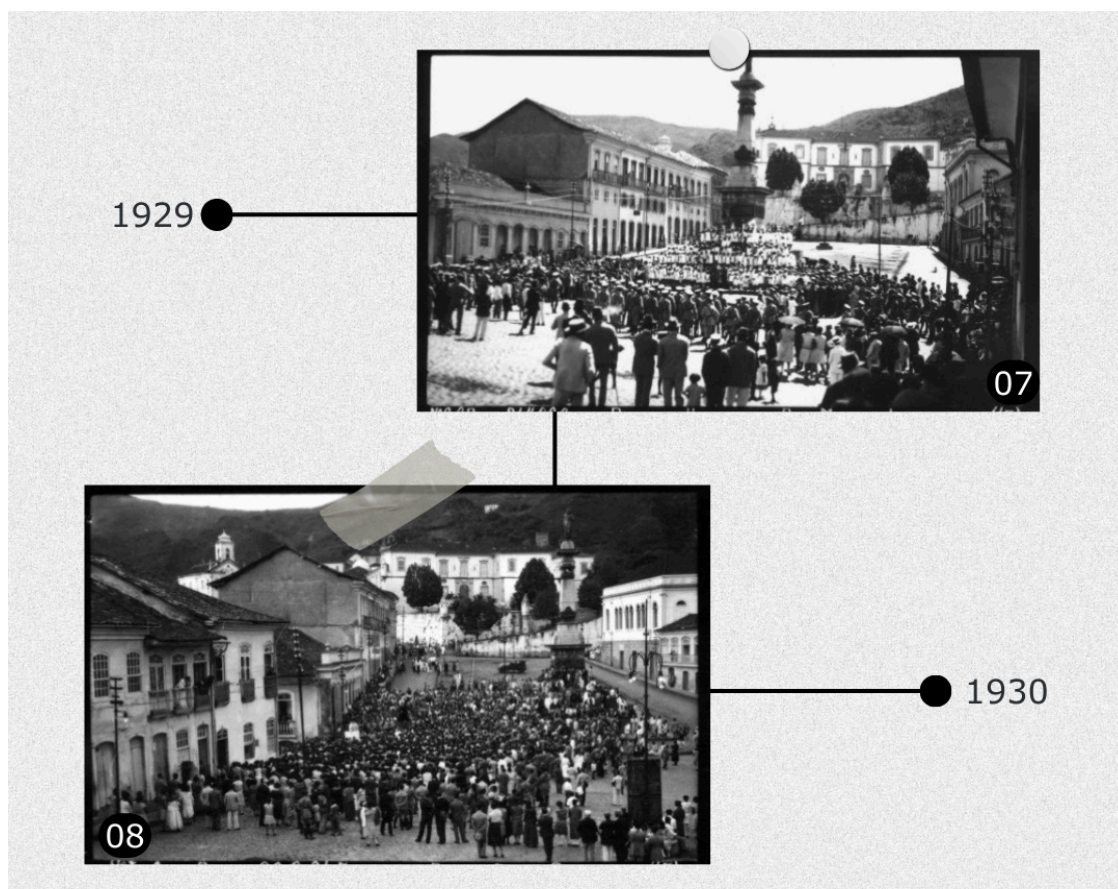
Segundo os autores Passos e Nogueira (2019), no artigo citado na introdução desta pesquisa, é necessário entender que "quem construiu os monumentos foram os povos negros escravizados", desse modo,

incentivar exposições sobre a “história”¹² colonial portuguesa se opõe a narrativa do contexto histórico vivenciado e a importância dos outros povos.

Após o tombamento da cidade, a praça manteve sua importância, tornando-se ponto turístico e cultural, atraindo visitantes interessados na sua história e conjunto arquitetônico. E mantém, até hoje, sua função de espaço público, no entanto seu significado foi transformado com o decorrer do tempo. No período colonial, foi um lugar de poder e controle, onde estavam antigas edificações como o Palácio dos Governadores e a Casa de Câmara e Cadeia, e, hoje, é um ponto turístico e de eventos culturais, como o Carnaval e os Festivais, citados anteriormente.

De acordo com o Dossiê de Tombamento do Conjunto Urbano de Ouro Preto, em nível municipal, “o Núcleo Histórico de Ouro Preto sempre teve seu cotidiano pautado por muitas movimentações sócio-culturais” (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2010, p.04), como dito anteriormente, a praça era, e ainda é, o maior ponto de encontro da cidade e, conseqüentemente, as manifestações também se deram em sua grande maioria nesse lugar. Na Figura 4 - Fotos 07 e 08 mostram comemorações cívicas e religiosas que têm grande importância para a cultura hegemônica católica da população ouropretana.

¹² O termo foi utilizado entre aspas, pois não se acredita que apenas os portugueses fizeram parte dessa história e é um pouco do que a entrevistada trouxe na sua fala.

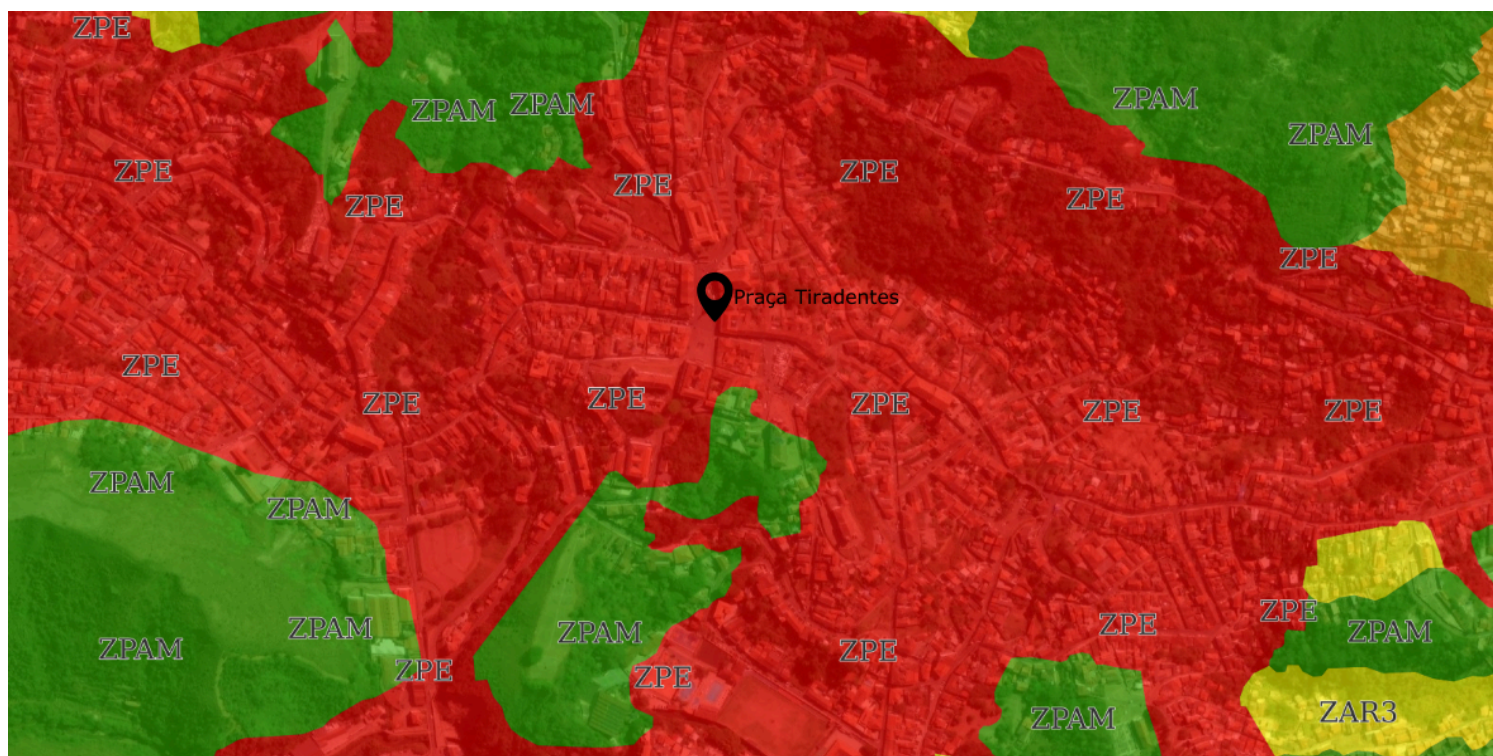
Figura 4: Comemorações na Praça Tiradentes

Fonte: Acervo IFAC - Fotos: Luiz Fontana

A partir disso, conseguimos mostrar a variedade de atividades, culturais e cotidianas, que aconteciam na Praça Tiradentes. Atualmente, o cenário não é tão diferente, entretanto, temos mais eventos grandiosos como os shows exemplificados no capítulo anterior, “o vínculo dos moradores com o patrimônio cultural, incluído aí o urbano, estabelece-se, em alguns momentos, por meio dos ritos e manifestações religiosas” (Simão, 2016, p.134), entretanto, nem toda a população compartilha da mesma religião, o que reforça, em parte, a exclusão de alguns grupos sociais.

A Praça Tiradentes está localizada dentro da Zona de Proteção Especial - ZPE de Ouro Preto, área de preservação que abrange o centro histórico e seus arredores (Figura 5).

Figura 5: Mapa de zoneamento com foco no centro de Ouro Preto



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2025 (modificado pela autora).

A Lei Complementar nº 93, de 20 de janeiro de 2011, explica que:

A ZPE - Zona de Proteção Especial compreende as áreas que contêm os valores essenciais a serem preservados nos conjuntos urbanos, resultantes da presença de traçados urbanísticos originais e de tipologias urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas que configuram a imagem do lugar. A ZPE abrange, sem a ele se limitar, o traçado original da cidade datado do século XVIII (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2011).

Desse modo, é perceptível a preocupação em preservar a imagem da cidade colonial, evidenciada pelo tombamento de bens como igrejas, casarões e chafarizes do período setecentista. A Praça Tiradentes, como ponto central de Ouro Preto e da ZPE, conecta-se a outras áreas tombadas por meio das ruas sinuosas e ladeiras, o que reforça a sua integridade do sítio histórico.

Mais de 70% dos bens protegidos pelo IPHAN concentram-se no Centro Histórico (34,7%) incluindo os bairros Rosário (10,2%), Pilar (10,2%), Antônio Dias (16,3%), Água Limpa (2,0%) e Barra (2,0%), regiões que estão dentro da ZPE junto ao centro da cidade. Enquanto nos bairros periféricos, como Morro São Sebastião, Morro São João, Morro

Santana, Taquaral, Piedade, Cabeças, Padre Faria, São Francisco e Alto da Cruz, apenas 2% a 4% dos bens estão concentrados, resultante da fase inicial da patrimonialização do núcleo colonial de Ouro Preto. Na Figura 6, é possível ver os bens protegidos pelo IPHAN, os perímetros de tombamento da cidade (vermelha) e do núcleo histórico (rosa tracejada)¹³.

Figura 6: Bens protegidos pelo IPHAN em Ouro Preto



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto, 2025.

Essa disparidade evidencia como a política patrimonial reforça a centralidade da cidade-monumento e, de certa forma, marginaliza as áreas de expansão urbana, lembrando que a maior parte dos tombamentos de monumentos isolados são em nível federal e foram realizados na fase inicial de patrimonialização do IPHAN. Isso pode ser compreendido se entendermos quem determina os bens que serão patrimonializados, ou seja, o Estado. No entanto, se abordarmos o olhar

¹³ Legendas de acordo com o WebGis do Plano Diretor da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Disponível em: <https://webgis.ouropreto.mg.gov.br/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

do cotidiano, dos usos e significados, que efetivamente conservam ou não os lugares deve-se levar em consideração questões como a memória e a identidade da comunidade (Simão, 2016), fato que deveria ser o principal para a “seleção” da patrimonialização.

A escolha deste processo de identidade municipal de Ouro Preto reflete as políticas estatais das décadas de 1930-40, que buscavam criar uma identidade nacional, em virtude do que era vivido na época.

Portanto, a análise histórica revela que o processo de patrimonialização de Ouro Preto, ainda que seja fundamental para a preservação física, foi desde o princípio um projeto de poder. Ao eleger um período e uma narrativa elitizada como “dignos” de conservação é concebido um espaço de memória seletiva, visto que apenas essa história passa a ser contada. Sabemos que esta escolha se deu em grande parte pelo valor que era atribuído às edificações, entretanto, configurou uma marginalização das periferias que estão fora do núcleo histórico de tombamento.

É necessário situar a realidade de Ouro Preto para além de sua excepcionalidade. O cenário aqui discutido é reflexo de um projeto nacional mais amplo de patrimonialização, no qual o Estado atua na valorização seletiva de bens culturais, reproduzindo hegemonias e marginalizando expressões periféricas.

2.3 OS INVESTIMENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

A cidade de Ouro Preto, conforme explicitado no capítulo anterior desta pesquisa, é reconhecida nacional e internacionalmente como patrimônio cultural, desse modo, a cidade alia a arquitetura do período colonial a uma agenda cultural dinâmica, impulsionada por investimentos públicos e privados.

De acordo com reportagem do Jornal O Tempo (2024)¹⁴, em 2024 o município esteve entre as 15 cidades mineiras com os maiores gastos em apresentações artísticas nos últimos cinco anos, totalizando R\$5,7 milhões, artistas como Barão Vermelho, Ana Carolina, Sorriso Maroto, Orquestra de Ouro Preto, Almir Sater, Ferrugem, Madeleine Peyroux e Lenine fizeram parte do elenco de apresentações na Praça Tiradentes, comprovando o investimento em festividades nesse espaço urbano. Por outro lado, na dissertação “Minas abertas e patrimônios gerais: Reflexões sobre a colonialidade da Natureza e os investimentos de megamineradoras na preservação e utilização do patrimônio cultural edificado em Ouro Preto”, o pesquisador Lucas Ramos de Oliveira discute o patrocínio das mineradoras nos eventos culturais que ocorrem em Ouro Preto:

[...] é possível identificar, para pegar o exemplo do ano de 2022, ano em que a pesquisa se iniciou, uma série de eventos realizados no perímetro tombado: Ópera Aleijadinho, Festival Tudo é Jazz, CineOP, Festival de Inverno, Exposição Já Raiou a Liberdade, Festival de Cultura Popular, Festival de Ópera e Natal Luz. Além de terem sido realizados tendo como pano de fundo o patrimônio cultural edificado de Ouro Preto, uma outra variável muito significativa une estes eventos: o patrocínio de megamineradoras (Santos, 2024, p. 112).

A cidade tem sido foco de significativos investimentos com destinação à preservação dos museus e monumentos. No mês de fevereiro deste ano, de acordo com o Jornal Voz Ativa¹⁵, durante visitas do presidente do IPHAN às cidades de São João Del Rei, Mariana e Ouro Preto, foi anunciado a liberação de mais de R\$22 milhões para projetos de restauração em Minas Gerais, sendo Ouro Preto uma das três cidades destacadas com parcela considerável da quantia. Além disso, mais de 50 obras desse viés, financiadas pelo IPHAN em parceria com as prefeituras locais estão no estado de Minas Gerais, o que ressalta a preocupação com a preservação dos bens tombados.

¹⁴ Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/politica/2024/11/27/cidades-mineiras-gastam-quase-r--1-bilhao-com-shows-nos-ultimos->. Acesso em: 13 fev. 2025.

¹⁵ Disponível em:

<https://jornalvozaativa.com/noticias/iphan-anuncia-liberacao-recursos-obras-restauracao-mg/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

Entre os projetos de Ouro Preto, destaca-se a restauração da Igreja Bom Jesus de Matozinhos, localizada no bairro Cabeças, que, atualmente, já conta com um investimento de R\$7 milhões, parceria entre a prefeitura e o IPHAN com o financiamento do Novo Programa de Aceleração do Crescimento - PAC Cidades Históricas, programa do governo federal que visa preservar o patrimônio cultural brasileiro, promover o desenvolvimento econômico e social e valorizar a cultura (Carneiro, 2016, p. 23).

Ainda de acordo com Carneiro (2016), o município de Ouro Preto teve, no ano de 2015, 15 ações relacionadas à preservação patrimonial, a partir do PAC Cidades Históricas, totalizando R\$36,46 milhões. E de forma simultânea, além do investimento governamental, a cidade ainda possui patrocínio das empresas de mineração, como mencionado anteriormente. Santos (2024) mostra esse investimento na cultura hegemônica e religiosa da cidade:

Quanto ao tipo de bem, foi identificado que os investimentos foram destinados à preservação e/ou utilização de igrejas e outros patrimônios de viés religioso, estações ferroviárias, casarões históricos de moradores do centro histórico, casarões históricos atualmente utilizados pela Prefeitura, museus, dentre outros antigos e atuais equipamentos e espaços públicos e privados (SANTOS, 2024, p. 124).

Além de detalhar as obras e os valores gastos em cada uma das obras e por qual empresa foi realizada. Separamos as que estão dentro do núcleo histórico de tombamento da cidade, conforme detalhado no capítulo anterior, como forma de demonstrar esse incentivo a preservação e investimento nessa cultura hegemônica de Ouro Preto (Tabela 3).

Tabela 3: Investimento das empresas de mineração na preservação dos patrimônios tombados de Ouro Preto

INVESTIMENTO DAS EMPRESAS DE MINERAÇÃO NA PRESERVAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS TOMBADOS DE OURO PRETO					
Período de execução	Patrimônio Tombado	Localização	Mineradora	Valor	Especificação
2013 - 2014	Igreja Matriz de Santa Efigênia	Alto da Cruz	Vale	R\$ 850.000,00	Restauração

2011 - 2014	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale	R\$ 7.865.551,40	Revitalização ¹⁶ , gestão e manutenção
2012 - 2015	Parque Horto dos Contos	Centro e Pilar	Vale	R\$ 730.000,00	Manutenção
2014	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 4.000.000,00	Revitalização, gestão e manutenção
2015	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 5.145.878,20	Revitalização, gestão e manutenção
2014 - 2016	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 1.300.000,00	Revitalização, gestão e manutenção
2016 - 2023	Antigo Asilo São Vicente de Paulo	Centro	MBR (Vale)	R\$ 1.000.000,00	Restauração
2017 - 2018	Casa Capitular de Igreja Nossa Senhora do Carmo Adro do Carmo	Centro	CBMM	R\$ 100.000,00	Manutenção
2018 - 2019	Casa Capitular de Igreja Nossa Senhora do Carmo Adro do Carmo	Centro	CBMM	R\$ 100.000,00	Manutenção
2019 - 2021	Parque Horto dos Contos	Centro e Pilar	Vale	R\$ 500.000,00	Revitalização
2020	Antiga casa do Presidente Pedro Aleixo	Antônio Dias	Gerdau	R\$ 399.248,00	Manutenção
2020 - 2023	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 2.081.089,07	Revitalização, gestão e manutenção
2020 - 2023	Casa Capitular de Igreja Nossa Senhora do Carmo Adro do Carmo	Centro	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 3.887.508,87	Manutenção
2021	Antiga casa do Presidente Pedro Aleixo	Antônio Dias	Gerdau	R\$ 258.181,16	Manutenção
2022 - 2023	Casarões históricos - Rua Alvarenga, 169, 209, 480	Cabeças	Vale (Instituto Cultural Vale)	R\$ 1.491.587,20	Restauração
2022 - 2024	Trem da Vale (Ferrovia e Estações)	Barra	Vale (+ MBR e Salobo)	R\$ 15.002.180,41	Revitalização, gestão e manutenção
2023 - 2025	Paço da Misericórdia	Centro	Vale	R\$ 3.500.000,00	Revitalização e manutenção
2023 - 2025	Antigo Asilo São	Centro	Vale	R\$ 2.000.000,00	Manutenção

¹⁶ Termo utilizado pelo autor Lucas Ramos de Oliveira Santos (2024).

	Vicente de Paulo				
2023 - X	Casa João Veloso (futuro Arquivo Público Municipal)	Antônio Dias	Vale	R\$ 1.200.000,00	Restauração
2024 - 2026	Casa Capitular de Igreja Nossa Senhora do Carmo Adro do Carmo	Centro	Vale	R\$ 1.000.000,00	Manutenção

Fonte: SANTOS, 2024 (modificado pela autora).

Ao somarmos todos os projetos realizados nos últimos treze anos, de acordo com a Tabela 3, temos um total de R\$52.411.224,31, valor equivalente a R\$4.031.632,64 por ano em investimentos nos bens tombados da cidade. No entanto, além dos valores gastos por ações de contrapartida ou compensação das empresas privadas, ainda se tem os gastos a partir das transferências da Lei nº 18.030/2009, conhecida como Lei Robin Hood¹⁷, que segundo o extrato anual da Fundação João Pinheiro, em 2024, o município arrecadou quase R\$1 milhão com destino para o “Patrimônio Cultural” (Fundação João Pinheiro, 2025).

O investimento nas festividades e projetos de restauração, ajudam a destacar a cidade de Ouro Preto como destino cultural e turístico, de acordo com dados da Prefeitura Municipal, em 2023, o Carnaval da cidade contou com aproximadamente 40 mil foliões e para a Semana Santa, a expectativa era de 20 mil visitantes¹⁸, o que enfatiza o retorno que esses investimentos possuem para a visibilidade externa da cidade. Em contrapartida, esses grandes investimentos, podem nos levar a entender a cidade como um espetáculo (Jacques, 2008), visto que a própria cultura local fica de “cantin” [sic.]¹⁹.

Desse modo, a análise dos investimentos em Ouro Preto explicita uma contradição. Enquanto grandes recursos são concentrados para a

¹⁷ Dispõe sobre a distribuição da parcela da receita do produto da Arrecadação do ICMS pertencente aos municípios. O objetivo principal é melhorar a distribuição de recursos e promover o desenvolvimento municipal.

¹⁸ Notícia retirada do site da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/noticia/3147>. Acesso em: 12 mar. 2025.

¹⁹ Expressão utilizada pela entrevistada Gabriela Augusta, para explicar que a cultura para turistas é central nos investimentos e valorização, enquanto a cultura local fica “no canto”.

conservação do patrimônio edificado e para a promoção da agenda cultural, a “cultura viva” permanece financeira e simbolicamente marginalizada.

3. VILA POBRE: AS PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DOS “FUNDOS DE BAIRRO”

“A gente prefere ir pros **fundos de bairro**. A gente prefere os lugares que o pessoal não vai. A gente é sempre muito bem recebido” (Gabriela Augusta, informação oral, grifo nosso). O trecho da fala é da Gabriela Augusta, que se identificou como uma das coordenadoras do coletivo Vila Pobre, citada no capítulo anterior. Ela se refere aos territórios periféricos de Ouro Preto como “fundos de bairro”, que são onde os turistas e a elite da cidade não vão. Podemos entender a partir desta fala o sentimento de pertencimento que os integrantes do coletivo têm quando se trata dos bairros que estão fora do núcleo histórico do município.

No subcapítulo 2.2 *A patrimonialização de Ouro Preto* falamos sobre o processo de patrimonialização de Ouro Preto e como a Praça Tiradentes representa um espaço de poder no município. A narrativa hegemônica contada pelas figuras de poder a partir desse processo tende a ocultar as dinâmicas sociais contemporâneas que emergem nas periferias, local em que as comunidades desenvolvem práticas socioculturais próprias, marcadas, muita das vezes, por resistência e reinvenção.

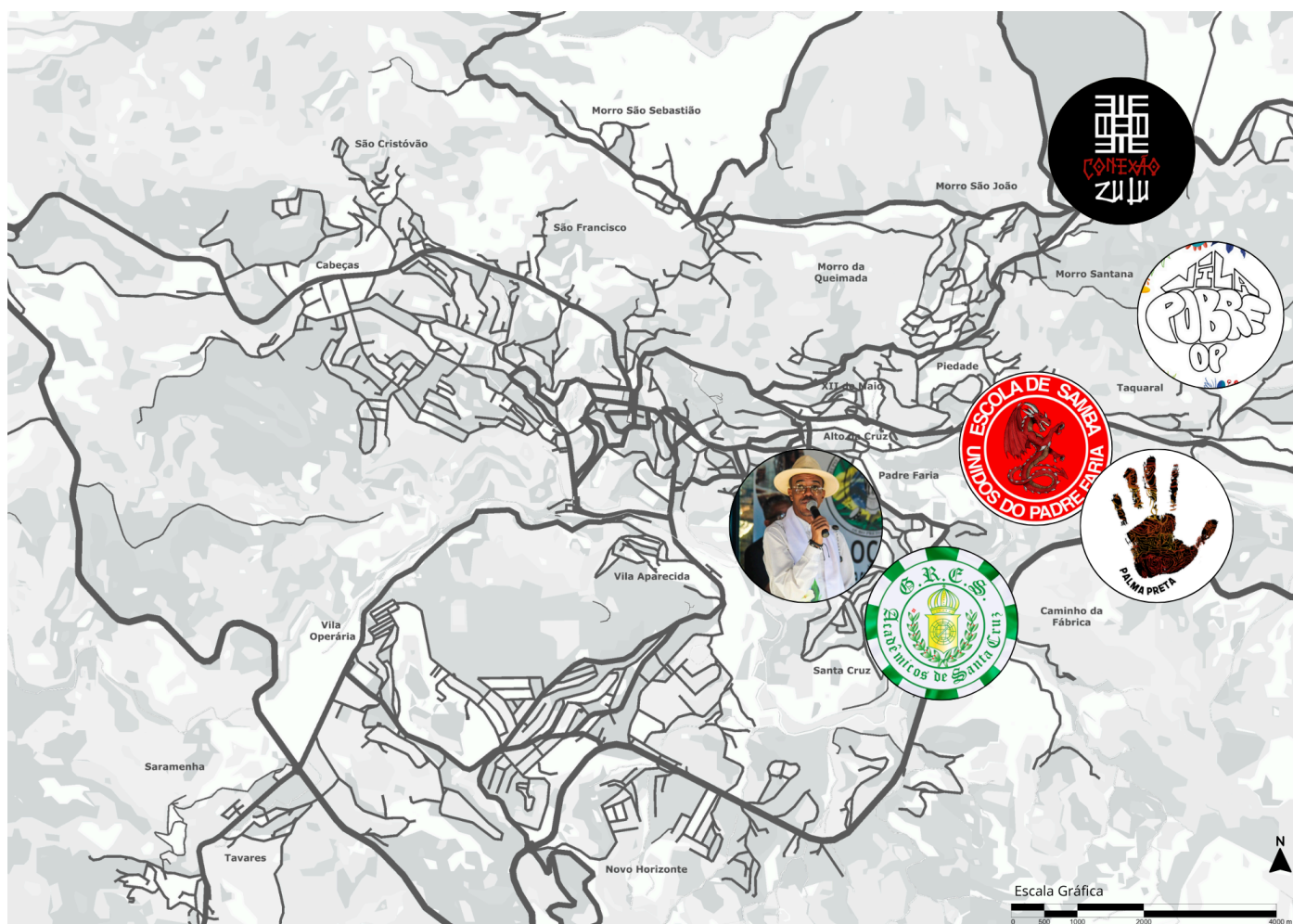
A patrimonialização “engessada” da cidade pode impedir as culturas periféricas de adentrar os espaços “de poder” de forma efetiva e com liberdade, no entanto, como ressalta o antropólogo Antônio Augusto Arantes (2006): “cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir sua ‘deterioração’” (Arantes, 2006, p. 21).

Desse modo, neste capítulo buscaremos investigar práticas socioculturais periféricas e como elas se articulam na cidade de Ouro Preto, em virtude da tensão existente entre a preservação do patrimônio institucionalmente protegido no município e a marginalização dos grupos subalternos. Além disso, entenderemos as formas e os locais de apropriação das práticas socioculturais nos espaços urbanos de Ouro Preto, pensando na dinâmica da população e dos fazedores de arte. E para

concluir, traremos uma discussão sobre os patrimônios materiais e os imateriais com reflexões a partir dos estudos que desenvolvemos e as diversas vozes que escutamos durante o processo.

Para nos ajudar com o desenvolvimento deste capítulo sobre a “Vila Pobre” de Ouro Preto, conforme explicitamos na Introdução desta pesquisa, entrevistamos alguns representantes de coletivos culturais e participamos de visitas guiadas por lideranças populares. Na figura 7, abaixo, apresentamos um mapa com a localização de onde esses representantes atuam no território do município.

Figura 7: Mapa da localização dos representantes culturais



Fonte: Autoria própria, 2025.

O intuito de apresentarmos esse mapa é para que possamos entender a representatividade cultural da periferia da cidade.

3.1 OS FAZEDORES DE ARTE: DESAFIOS DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

As culturas periféricas podem ser compreendidas como práticas socioculturais coletivas que emergem dos territórios marginalizados, onde se constituem como instrumentos de afirmação identitária e resistência. Para o geógrafo Milton Santos (1993), em sua obra "A urbanização brasileira", essas periferias são espaços marcados pela exclusão estrutural do processo de urbanização do país. Nesse contexto, conforme o sociólogo Antonio Candido (2002), em "A literatura e a formação do homem", a literatura é analisada como uma força humanizadora do indivíduo e, quando relacionamos a "literatura" de Candido (2002) com as práticas socioculturais periféricas entendemos que elas formam um sistema cultural periférico autônomo, que irá legitimar as linguagens e experiências locais em detrimento da cultura hegemônica dominante.

Ouro Preto teve sua formação a partir da exploração minerária, com o desdobramento de núcleos de povoamento independentes e dispersos que ao longo dos anos e de seu desenvolvimento foram interligados. Essa origem dispersa pode explicar, em partes, a atual desconexão entre os bairros periféricos e o centro histórico da cidade, refletindo uma continuidade histórica. Em uma visita guiada da exposição "Fala Quilombo", no Museu Casa dos Contos, Douglas Aparecido²⁰, integrante do coletivo Palma Preta, falou a respeito da formação da cidade para contextualizar todos os elementos utilizados na origem da ocupação do município, entendendo a Serra de Ouro Preto como a mina de ouro da época.

Então, atualmente os bairros do Veloso, São Francisco, Lajes, Morro Santana, Piedade, Taquaral, XIII de Maio, todos eles estão, hoje, localizados no que foi no século XVIII as áreas de mineração (Douglas Aparecido, informação oral)²¹.

²⁰ Douglas Aparecido se identifica como poeta, artista, pensador contracolonial, genealogista, ativista kultural e sambista. Informações retiradas de sua mídia social, disponível em: <https://www.instagram.com/douguinissimo/>. Acesso em: 5 jul. de 2025.

²¹ Informação adquirida durante uma visita guiada da exposição "Fala Quilombo", no Museu Casa dos Contos, no dia 15/05/2025.

Além dos bairros citados na fala de Douglas, ainda temos o São Cristóvão, Passa Dez, Morro São Sebastião, Morro da Queimada e Morro São João que compõem a Serra de Ouro Preto e, como citamos no subcapítulo 2.2 *A patrimonialização de Ouro Preto*, fazem parte da área periférica da cidade. No entanto, para além da questão minerária, Ouro Preto também pulsa manifestações culturais e identitárias, e nas periferias podemos encontrar essa diversidade²², em virtude, principalmente, das pessoas e “fazedores de arte” que residem nesses bairros.

Para entendermos melhor a relação dos fazedores de arte com a comunidade e o espaço urbano em que atuam, além dos desafios que eles enfrentam, conversamos com integrantes de coletivos culturais e de duas escolas de samba de Ouro Preto.

Um dos coletivos foi o Conexão Zulu:

[...] formado por um grupo de artistas, educadores e produtores culturais periféricos, no qual partilham do interesse de construir um espaço para produção de conhecimento e exploração de práticas pedagógicas, e que tenha sua origem na zona urbana periférica (Coletivo Conexão Zulu).²³

Criado no final do ano de 2023, o coletivo tem o objetivo principal de construir uma forma de escolarização voltada para as camadas populares, e para isso, utilizam as ruas como escola - entendendo a escola como espaço físico de ensino - e a pedagogia do Hip Hop para construção das oficinas. Os integrantes trazem a temática do cotidiano periférico através da arte, aconselhando e ensinando as crianças e os jovens. Em Ouro Preto, atuam na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, em escolas, principalmente das periferias, e em eventos culturais organizados pela comunidade periférica.

Quando questionados sobre a relação entre as ações do coletivo e a comunidade em que atuam, a principal resposta foi a de “impulsionar o reconhecimento da cultura periférica e estimular o reconhecimento da

²² Como coletivos e grupos culturais, artistas autônomos, escolas de samba, grupos de congado, capoeira, cultos afro-brasileiros, expressões ligadas ao Rap, Hip Hop e grafite.

²³ Informação retirada do portfólio do Coletivo Conexão Zulu. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nz5YoK7OufslhU-beEERmcz0_tN613_3/view. Acesso em: 14 jul de 2025.

diversidade democratizando o acesso à cultura”²⁴, entendendo que esse “modelo” de cultura é vivo no cotidiano das crianças e jovens moradores da periferia e esse estímulo é capaz de direcionar uma conscientização acerca dos desafios sociais e raciais e fortalecer o sentimento de pertencimento nessas comunidades.

A partir das falas da Luana, coordenadora pedagógica do coletivo, entendemos que as atividades do projeto são capazes de desenvolver o pertencer à comunidade, o espaço urbano e à cultura. Entretanto, o Conexão Zulu enfrenta desafios relacionados à falta de investimento e incentivo da Prefeitura Municipal, visto que as oficinas precisam de materiais básicos para acontecer e todo o projeto é desenvolvido por voluntários, sendo assim, se torna mais difícil dar continuidade aos trabalhos ou realizá-los com mais frequência.

Normalmente, quando pensamos na construção do conhecimento sempre começa de cima para baixo, do centro para a periferia, porém nosso objetivo é o contrário. **É pensar o conhecimento da periferia para a periferia** e isso precisa ser valorizado e reconhecido (Luana Brunely da Silva, informação oral, grifo nosso).

Entender o trabalho deste coletivo de trazer o conhecimento vivido pelos integrantes, também moradores das periferias, para as periferias, é entender o relacionamento que uma comunidade pode ter e como o conhecimento interno é tão importante quanto o vindo “de cima”. Afinal, o conhecimento também é baseado no cotidiano das pessoas.

Dando sequência às conversas, trazemos o ponto de vista de duas escolas de Samba, a Unidos do Padre Faria e a União Recreativa do Santa Cruz, fundadas em 1970 e 2009, respectivamente, e que representam para suas comunidades “união, garra e criatividade”.

Durante uma visita guiada²⁵ pelo bairro Padre Faria, o primeiro secretário da Associação Comunitária do Padre Faria, Hanster Silva, comentou que “todos da comunidade tem uma história com a escola de

²⁴ Informação fornecida por Luana Brunely da Silva, coordenadora pedagógica, através do questionário respondido no dia 30 de junho de 2025.

²⁵ Visita realizada com a turma de Urbanismo I, da UFOP, no dia 27 de junho de 2025, com o acompanhamento do Hanster Silva e do Douglas Aparecido, para conhecer o bairro Padre Faria.

samba, ou porque participa ou porque alguém da família participou, e é por isso que ela segue viva”, o que reforça o sentimento de pertencimento que trazemos ao longo desta pesquisa. A escola de samba é para a comunidade do bairro Padre Faria como um “movimento” capaz de trazer vida para o bairro, apesar de ainda ter destaque apenas durante o período pré-carnaval, mesmo que a comunidade anseie por outras atividades, assim como ocorre no Santa Cruz.

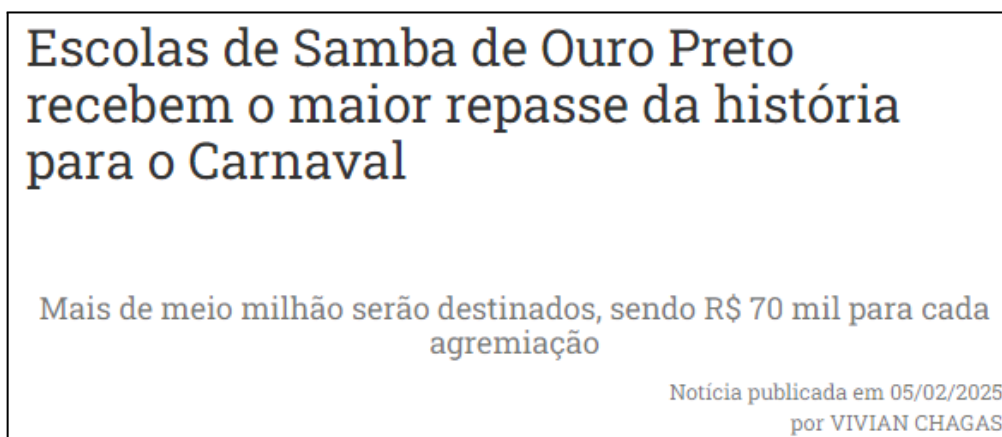
A sede do Unidos do Padre Faria é localizada na Praça Agostinho Ferreira Guimarães, e é onde também acontecem os ensaios. Em contrapartida, a União Recreativa do Santa Cruz não possui sede, fato que os fazem sentir “em uma posição de inferioridade das outras escolas”²⁶. E de fato, isso evidencia uma certa desigualdade, a presença da sede fixa possibilita uma ocupação permanente deste espaço e ensaios sem maiores transtornos, enquanto a ausência da sede limita as ações, visto que os ensaios ocorrem em locais distintos, como as ruas, sem uma certa segurança.

Entretanto, ambas as escolas possuem grande envolvimento da comunidade nas atividades, contribuindo com a valorização e a preservação da cultura brasileira e periférica, pois como o Hanster disse, a história e o amor pela escola de samba vai passando de geração em geração. E o pertencimento pode estar ligado a presença de uma sede ou um espaço urbano em que ocorrem ensaios de forma recorrente, marcando fisicamente esse sentimento para a comunidade, pois é como se ficasse registrado na memória.

Além disso, quando abordamos as apropriações do espaço urbano pelos fazedores de arte - as escolas de samba quando transformam a cidade em festa e o coletivo Conexão Zulu quando utiliza as ruas para educar - retomamos o “direito à cidade” de Lefebvre (2008), entendendo que para além de acessar esse espaço público eles escolhem a forma como querem acessá-lo.

²⁶ Informação fornecida pela Mona Alice Rocha, participante da diretoria da escola, no questionário desenvolvido para ouvir os fazedores de arte do município.

Figura 8: Manchete de reportagem jornalística sobre o Carnaval de 2025



Fonte: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/noticia/4573>. Acesso em: 15 jul
de 2025.

Quando questionamos sobre os desafios que os fazedores de arte enfrentam, a maioria deles relaciona com financiamentos e apoio. Entretanto, a Figura 8, manchete de uma notícia retirada do site da Prefeitura de Ouro Preto, informa o valor de repasse para as escolas de samba realizarem os desfiles, que em 2025 foi de R\$70 mil reais. Na mesma reportagem, o Secretário de Cultura e Turismo, Flávio Malta, é citado destacando “a importância do incentivo para a preservação da tradição”, mas, afinal, esse incentivo realmente deve acontecer apenas uma vez no ano? Se compararmos com as obras de restauração e conservação que citamos no subcapítulo 2.3 *Os Investimentos Culturais no Centro Histórico de Ouro Preto*, esse valor pode ser considerado aquém do que realmente seria necessário para preservar uma cultura/tradição tão forte como é o Carnaval em Ouro Preto, incluindo os desfiles das escolas de samba.

Dessa forma, a atuação dos coletivos e expressões culturais nas ruas de Ouro Preto explicitam a potência do espaço vivido como lugar de resistência e reinvenção. O contraste entre o investimento falado anteriormente e o dos grupos culturais evidencia que o direito à participação dessas comunidades é um desafio cotidiano, para além de apropriação, mas de pertencimento.

3.2 O HIATO ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A REALIDADE PERIFÉRICA

A cidade de Ouro Preto é um importante centro cultural, reconhecido como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO, conforme já citado, entretanto, é necessário entender o acesso dos moradores do município a essa cultura. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 215, diz que: “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Brasil, 1988).

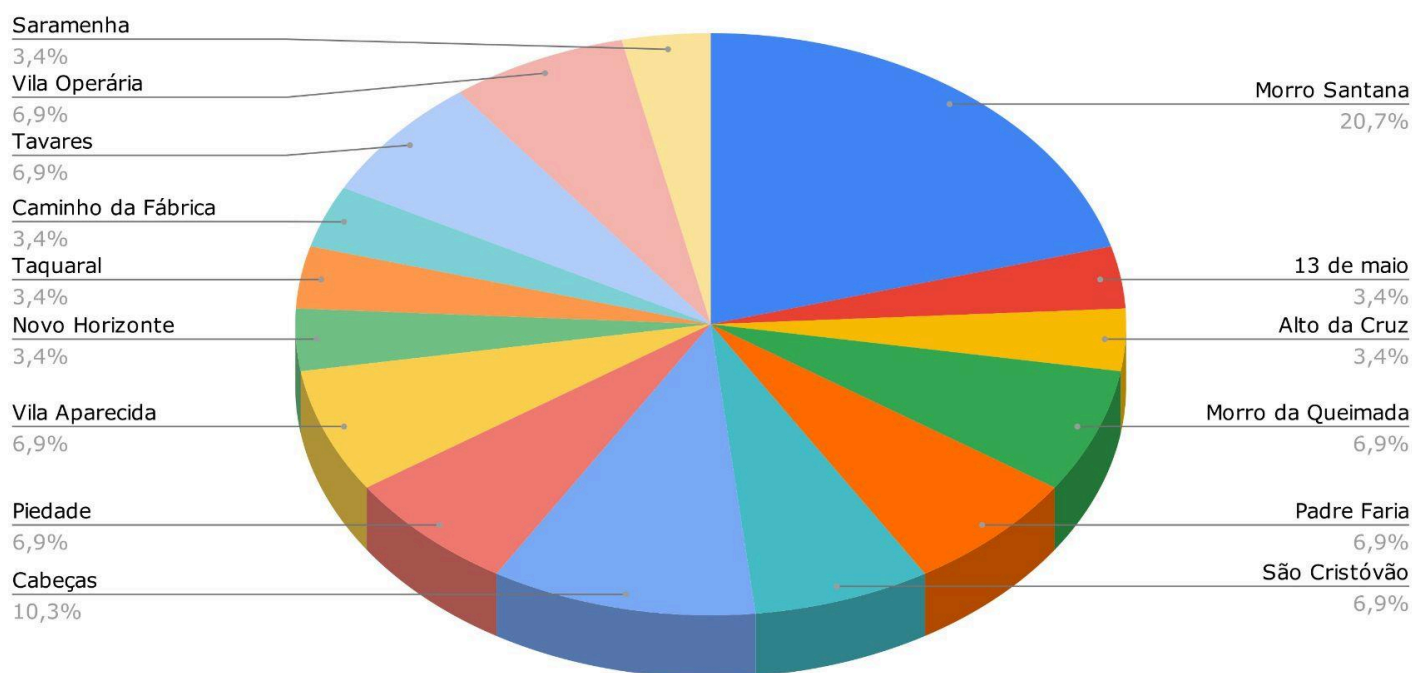
No entanto, sabemos que nem sempre essa é a realidade. No Brasil, principalmente os bairros periféricos não têm esse “pleno” acesso à cultura, e em Ouro Preto, isso também é uma constante. Para que fosse possível analisar o acesso à cultura pelos moradores de bairros periféricos de Ouro Preto, desenvolvemos um formulário eletrônico que teve uma ampla divulgação (APÊNDICE A). Inicialmente, a proposta era que apenas os moradores fixos da cidade respondessem, excluindo os universitários, que entendemos nesse cenário como uma comunidade flutuante, visto que estão em Ouro Preto principalmente para realizar a graduação. Entretanto, com a forma de difusão utilizada, ambos os públicos nos deram respostas, mas utilizaremos apenas as do público que reside nos bairros Veloso, São Francisco, São Cristóvão, Morro São Sebastião, Passa Dez, Morro da Queimada, Morro São João, XIII de Maio, Morro Santana, Piedade, Taquaral, Alto da Cruz, Padre Faria, Santa Cruz, Vila Aparecida, Saramenha, Tavares e Vila Operária, localizados na periferia do distrito sede de Ouro Preto.

O termo utilizado no questionário foi “ações e/ou grupos culturais”, para entendermos o conhecimento da comunidade relacionado às práticas socioculturais que estamos trabalhando nesta pesquisa, na intenção de deixar mais simples para o público alvo. A partir disso, elaboramos perguntas sobre o conhecimento e a qualidade dessas ações no bairro em que residem, além de perguntas para entender o que eles acreditam que possa ser feito para melhorar tais práticas. Em outra seção do

questionário, abordamos perguntas a respeito dos eventos da cidade de Ouro Preto, onde eles veem que acontecem, se eles acessam esses eventos e, caso não acessem, qual a dificuldade que enfrentam, para entendermos um pouco da realidade dessas pessoas.

O formulário inicia-se com perguntas para identificar a pessoa respondente: se são moradores ou moradores e artistas, qual a idade, gênero, raça/etnia e o bairro que residem. A partir disso, fizemos a triagem dos bairros de interesse para a pesquisa, a fim de dar notoriedade aos argumentos que trouxemos até o momento e as conclusões que iremos trazer daqui para frente.

O questionário apresentou 46 respostas, dessas, 31 respostas são válidas para essa pesquisa - tratando dos critérios explicados anteriormente - sendo 24 moradores e 7 moradores e artistas da comunidade ouropretana. Além disso, 55% são mulheres, 42% são homens e 3% optaram por não declarar o gênero com o qual se identificam, dentre esse universo de pessoas a faixa etária varia entre 18 e 64 anos. Quanto à raça/etnia, 3% se declaram indígenas, 19% brancos, 36% pardos e 42% pretos e, para finalizar o perfil dos nossos respondentes, o Gráfico 1, abaixo, identifica quais os bairros eles residem.

Gráfico 1: Bairros que os respondentes residem

Fonte: Autoria própria, 2025.

Ao iniciarmos a análise das respostas a respeito das ações e/ou grupos culturais, 47% das pessoas afirmaram não terem conhecimento sobre algum grupo ou ação cultural no bairro em que moram, isso reflete o questionamento dado sobre a Praça Tiradentes como área de poder e priorização das práticas culturais da cidade, onde estão os eventos e ações dentro das periferias? E se existem por quê a própria comunidade desconhece?

Para exemplificar de forma visual esse desconhecimento de parte da comunidade sintetizamos as informações em um mapa (Figura 9), sendo que, o "X" em vermelho indica que em quais bairros não foram identificadas ações e/ou grupos culturais por parte dos moradores respondentes destes bairros.

Figura 9: Mapa "Você conhece ações e/ou grupos culturais em seu bairro?"

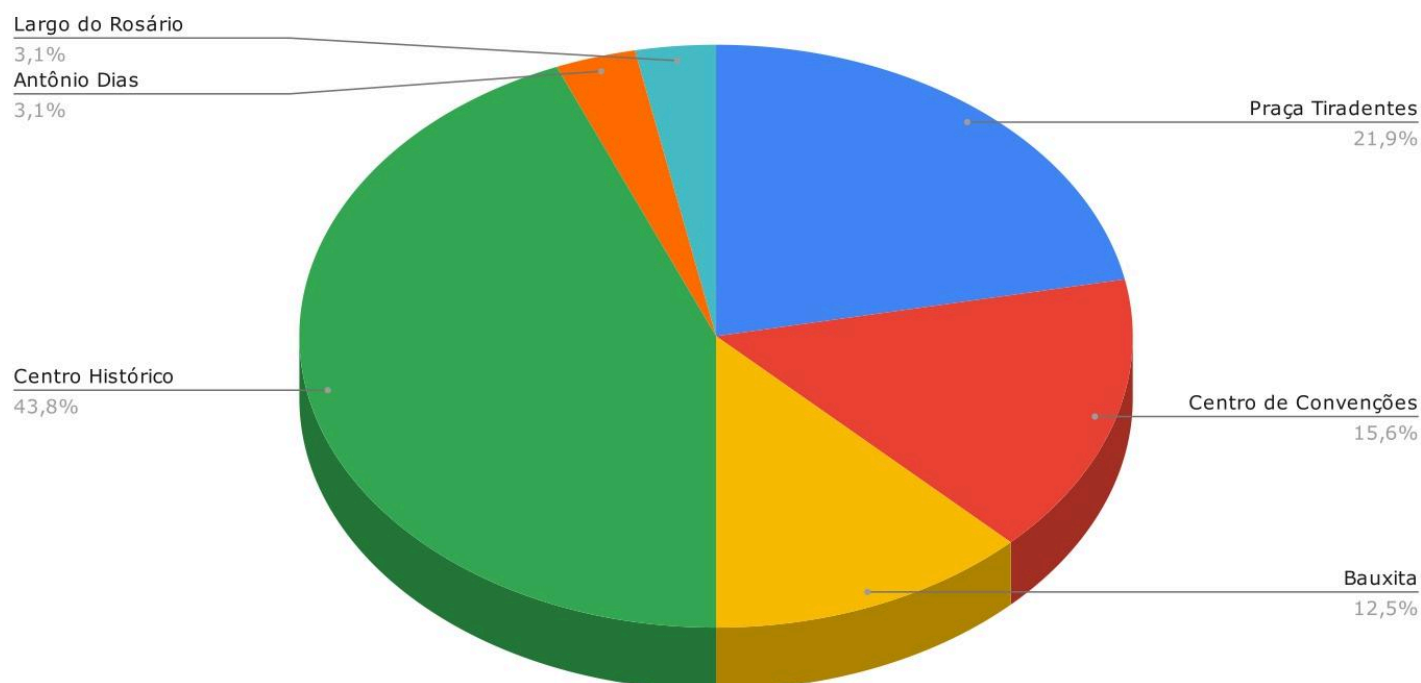


Fonte: Autoria própria, 2025

A respeito das ações conhecidas, a qualidade predominante é “bom”, entretanto, mesmo as pessoas que julgaram como “boa” trouxeram opiniões sobre o que pode ser feito para melhorar, por exemplo, “ampliação das atividades e segmentos culturais como apropriação/ criação/ revitalização dos espaços para a fomentação dos mesmos” (Morador do bairro Cabeças, 2025), “investimento e incentivo do poder público municipal” e “ampliar a divulgação das atividades”, as duas últimas falas de moradores do Morro Santana.

Seguindo para a segunda seção do formulário, apresentamos perguntas a respeito dos eventos que ocorrem na cidade que dizem respeito a uma produção do poder público. Primeiramente, procuramos entender onde os eventos da cidade ocorrem, segundo os respondentes, e se eles costumam ir nessas atividades. O Gráfico 2 nos mostra os espaços urbanos que apareceram nas respostas.

Gráfico 2: Locais onde ocorrem os eventos em Ouro Preto



Fonte: Autoria própria, 2025.

A maioria das respostas sobre participar das atividades culturais que ocorrem no Centro Histórico de Ouro Preto é positiva, no entanto algumas chamaram nossa atenção, como:

De vez em quando, quando se traz pautas e conceitos coerentes com o cotidiano e vivência da real população de Ouro Preto. É urgente a necessidade de trazer em evidência eventos culturais, exposições, shows, rodas de conversa, mesas-redondas e outros que beneficiem o conhecimento da população e não com fins lucrativos e a falsa filantropia (Morador do Alto da Cruz).

O relato pode parecer uma tradução do anseio da comunidade para atividades culturais com mais benefícios a ela própria e não somente com a visão turística e econômica. Falas como “gosto de participar de coisas que englobam a cidade, porque não é só para os turistas, mas também para todos os moradores” (Moradora do Morro da Queimada) e “gosto de ocupar esse espaço que também é meu, apesar de, na maioria das vezes, não ser visto dessa forma” (Morador do Morro Santana), retomam o que já trouxemos anteriormente sobre o “direito à cidade” de Lefebvre (2008), ao afirmarem que vão ocupar esses espaços que “não são deles” estes moradores estão escolhendo o espaço que querem se apropriar.

Maysa Mendes, uma das produtoras do documentário “Entre Nós”²⁷, contou que durante as entrevistas para o filme, perguntou aos moradores sobre a relação deles com o Centro Histórico de Ouro Preto e, segundo ela, a maioria disse que para eles é apenas um local de passagem ou de trabalho, que sentem que esse espaço é dos turistas²⁸. A segunda fala reforça esse pensamento de que os moradores não podem se apropriar dos espaços urbanos vistos como “elitizados”, que aquele lugar não os pertencem, mas precisamos entender que essa não

²⁷ O documentário “Entre Nós” foi exibido durante a Semana Nacional de Museus no Museu do Oratório no dia 17/05/2025. O filme retrata a realidade de Ouro Preto para além do Centro Histórico dando visibilidade às comunidades que margeiam o centro da cidade. Mais informações disponíveis em: <https://jornalgeraes.com.br/alunos-da-ufop-lancam-documentario-que-mostra-ouro-preto-alem-do-centro-historico/>. Acesso em: 27 jul. de 2025.

²⁸ A fala ocorreu em um momento após a exibição do documentário no Museu do Oratório no dia 17/05/2025.

é a realidade, precisamos que o sentimento de pertencimento vá além do bairro em que moram.

Em contrapartida, grande parte dos respondentes do formulário informaram que não acessam as atividades em virtude do transporte público e da falta de tempo ou horário em que elas acontecem, as seguintes falas de duas moradoras da cidade reforçam esses problemas: “os eventos não são bem promovidos e os transportes públicos param de funcionar antes até do início de alguns eventos” (Moradora do Cabeças) e “os horários e dias desses eventos não são acessíveis para a maioria dos moradores” (Moradora do Morro Santana). Essas questões podem ressaltar uma segregação socioespacial na cidade.

Simultaneamente a esses desafios, perguntamos sobre o sentimento de pertencimento desses moradores e, reforçando a fala dos entrevistados para o documentário, tivemos respostas como:

Como Ouro Preto é um dos destinos turísticos mais relevantes de Minas Gerais, acaba que tudo que é feito aqui é pensado para o turista ou pessoas de classes mais abastadas. Fazendo com que, conseqüentemente, o morador, em sua grande maioria periférico, seja totalmente excluído dessas ações (Morador do Piedade).

Opinião que retoma a questão turística da cidade de Ouro Preto que falamos anteriormente, em que a cidade promove um grande espetáculo para receber os turistas, inclusive a proteção e restauração dos seus bens patrimoniais.

Para finalizar o formulário pedimos sugestões e as que mais chamaram atenção falam sobre a promoção de ações culturais descentralizadas, ou seja, que ocorram para além do Núcleo Histórico da cidade, opinião essa que estamos trabalhando ao longo da pesquisa, pois mesmo que os eventos ou atividades sejam visando um turismo que é economicamente positivo para o município, ainda assim devem atender a toda a população ouropretana também e, concomitantemente, auxilia no amplo conhecimento do território de Ouro Preto, que sabemos que vai além das ruas de pedra.

Portanto, os dados coletados confirmam o hiato entre o discurso do “pleno acesso à cultura” e a realidade vivenciada pelos moradores das

periferias de Ouro Preto. A combinação de desconhecimento das ações locais, dificuldades de acesso e a percepção de que o Centro Histórico é um espaço dos turistas evidencia uma segregação socioespacial e cultural. O direito à cidade, neste contexto, se revela como um direito básico de existir no centro sem se sentir um estranho e de ver suas práticas culturais valorizadas em seu próprio território.

3.3 PATRIMÔNIO MATERIAL X IMATERIAL: ONDE ESTÁ A VOZ DO POVO?

A gente celebra a Constituição de 1988 como democrática, que vai incluir o patrimônio imaterial, reconhecer os saberes, mas de 88 para cá, quantas décadas se passaram e a gente ainda está aqui falando da dificuldade que é a gente sair de uma realidade de uma “alta cultura”, uma cultura erudita. Que são as pessoas que vão ter o acesso e todos os mecanismos para entrar nesses editais [...] Então essa é a distância entre a teoria e a prática, o que está na lei, mas que na realidade, ainda não se concretizou (Luana Melo e Silva, informação oral)²⁹.

O trecho que inicia este subcapítulo é da professora Luana Melo e discorre um pouco sobre a relação patrimônio material e imaterial, que vamos trabalhar um pouco neste momento pensando na realidade de Ouro Preto, das pessoas que ouvimos e das conclusões das pesquisas realizadas.

A socióloga Maria Cecília Londres Fonseca (2009), em sua obra “Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural” retrata uma crítica à visão tradicional de patrimônio cultural no Brasil - centrada em monumentos materiais, principalmente de pedra e cal, como já falado anteriormente, de origem europeia - e defende uma concepção ampliada, que inclua bens imateriais - rituais, saberes e expressões culturais - e que reconheça a diversidade dos grupos formadores da sociedade. Além disso, reconhece que a Constituição Federal de 1988 trouxe uma mudança importante, no seu artigo 216:

²⁹ Luana Melo e Silva faz parte do corpo docente do curso de Turismo da UFOP e essa fala foi registrada durante a Roda de Conversa do IPHAN - “As Políticas de Cultura que Queremos” - no dia 16 de maio de 2025.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os **bens de natureza material e imaterial**, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de **referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira**, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Entendendo que o patrimônio cultural também deve refletir a cultura dos grupos sociais para além da sua importância arquitetônica ou histórica, ela crítica que essa realidade não ocorre.

Ainda assim, percebemos que esta relação social e de memória com o patrimônio imaterial cultural acontece, mesmo que ainda seja falho e não recorrente, principalmente em Ouro Preto, cidade do nosso estudo. Um exemplo é o registro da “Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia”, que em 2019, foi declarada Patrimônio Imaterial de Ouro Preto, conforme a manchete da Figura 10 abaixo.

Figura 10: Manchete de reportagem jornalística sobre Patrimônio Imaterial em Ouro Preto

Lista do Patrimônio Imaterial de Ouro Preto se enriquece

Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e o Ofício de Bordadeiras e Rendeiras de Ouro Preto foram declarados Patrimônio Imaterial do município neste ano

Notícia publicada em 19/11/2019
por Nizea Coelho

Fonte: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/noticia/1421>. Acesso em: 24 jun. de 2025.

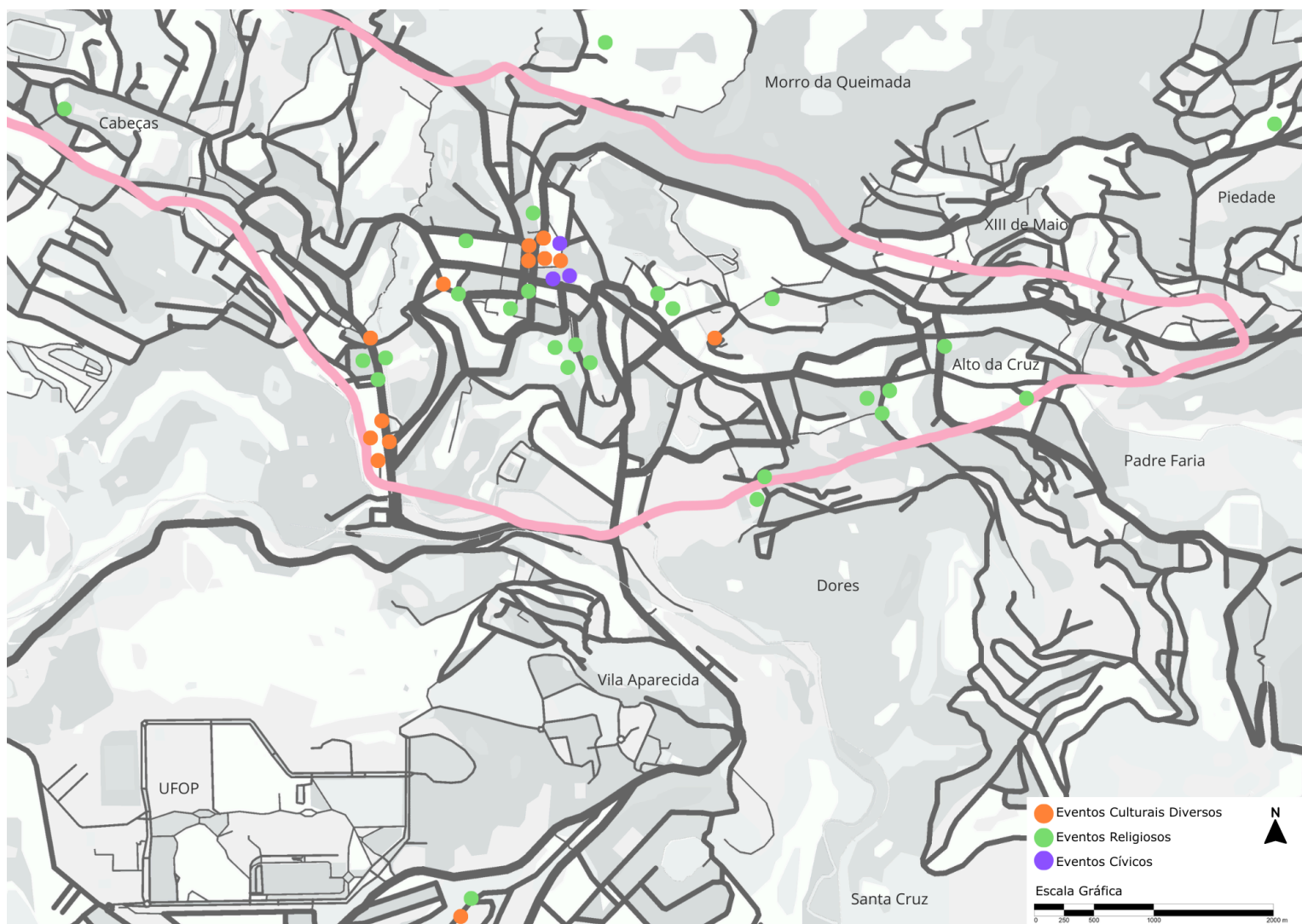
A Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia é realizada em honra a Chico Rei no mês de janeiro, em Ouro Preto, e tem influência africana. Em uma conversa com o Kedison Guimarães, congadeiro, guardião do Reinado e diretor de Promoção da Igualdade Racial da Casa de Cultura Negra, ele nos informou que após esse registro a Festa do Reinado se tornou mais forte, passou a ter mais respeito, visibilidade e apoio financeiro, além de mais acesso à editais e

a presença no calendário de eventos oficiais da cidade. Ou seja, foi necessário que a celebração se tornasse patrimônio para que tivesse esse reconhecimento municipal e até de turistas que vão para Ouro Preto participar desta festividade, confirmando, em partes, a fala de Fonseca (2009) a respeito do reconhecimento ainda depender da chancela institucional.

O Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, é o marco legal fundamental para a proteção do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Ele estabeleceu um sistema de identificação, documentação e salvaguarda desses bens culturais. Ele institui o registro dos bens culturais imateriais, organizado em 4 livros temáticos - dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares - tornou obrigatória a participação comunitária no processo de registro, além de criar um plano de salvaguarda para cada bem. Esse decreto reforça o cuidado e a importância com que o Poder Público vêm tratando o Patrimônio Imaterial, e entendendo a dinâmica social como parte importante nesse processo.

Apesar de toda essa preocupação e discussão acerca da participação social nos processos de patrimonialização, Ouro Preto ainda é uma cidade que privilegia o patrimônio material construído, em detrimento das expressões imateriais, principalmente das periferias. Quando cruzamos as informações de localização dos bens tombados com a realização e os tipos de eventos que acontecem na cidade, reforçamos essa prioridade.

A figura 11 nos mostra essa relação, a linha rosa é o perímetro do núcleo histórico da cidade, e os pontos representam os eventos que acontecem, divididos por cores que simbolizam o tipo de evento (cultural diversos - carnaval, festival de jazz, aniversário da cidade, festas juninas - cívicos e religiosos).

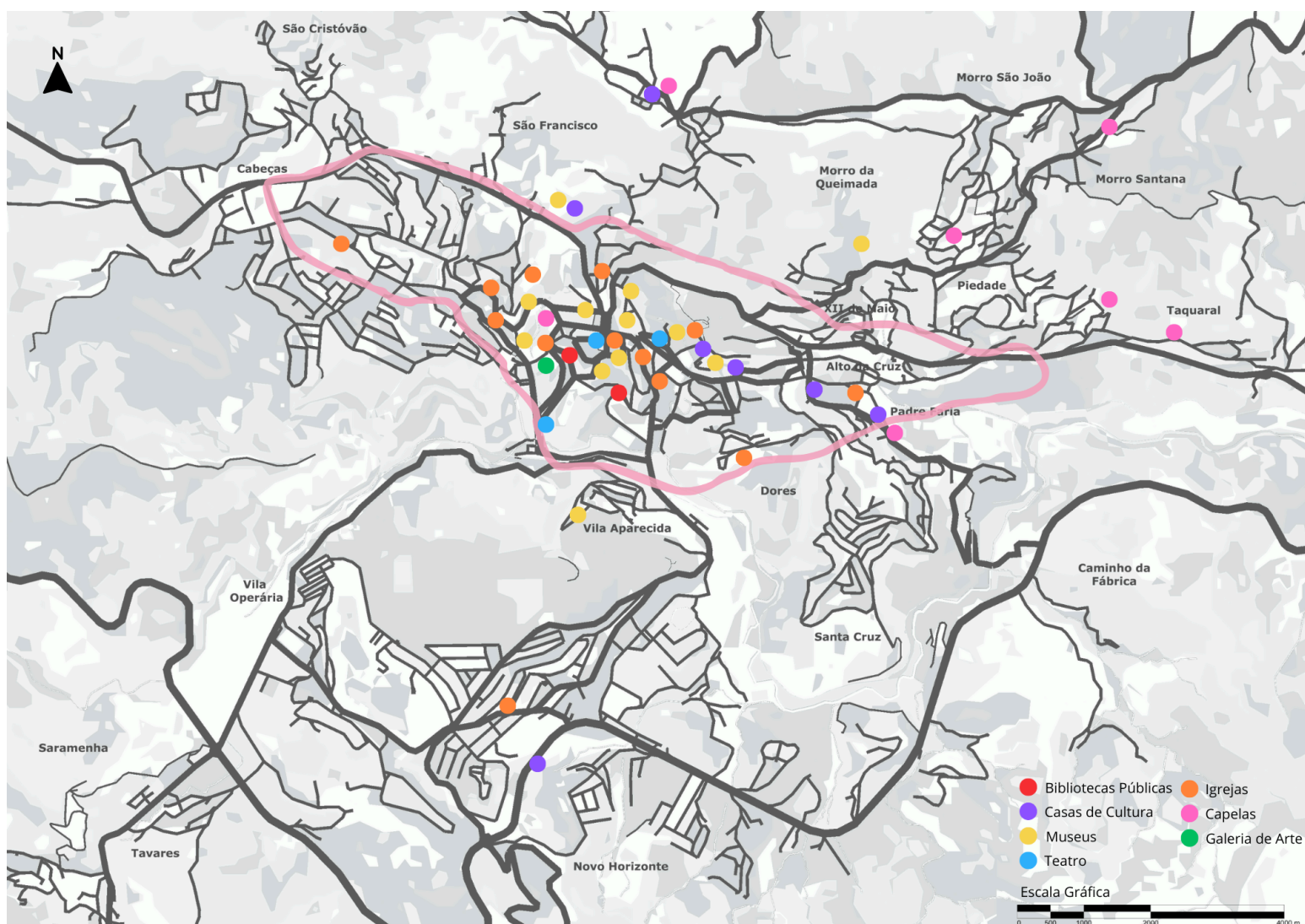
Figura 11: Localização x Tipo de evento

Fonte: Autoria própria, 2025. Desenvolvido a partir do calendário de eventos oficial da cidade. Disponível em: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/arquivos/calendario.pdf>.

Acesso em: 05 jun. de 2025.

Além disso, realizamos o mapeamento dos equipamentos culturais de uso público no município - bibliotecas públicas, casas de cultura, museus, teatro, igrejas, capelas e galerias de arte - e, dos 44 equipamentos mapeados, apenas cerca de 30% deles encontram-se fora do núcleo histórico de Ouro Preto. A figura 12 nos mostra esse mapa e, seguindo a mesma dinâmica do mapa anterior (Figura 11), a linha rosa é o perímetro tombado da cidade e os pontos representam os equipamentos culturais que encontramos no site da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Figura 12: Equipamentos culturais de uso público em Ouro Preto



Fonte: Autoria própria, 2025. Desenvolvido a partir dos atrativos encontrados no site oficial da Prefeitura de Ouro Preto. Disponível em:

<https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativos>. Acesso em: 14 jul. de 2025.

Ainda durante a conversa com Kedison Guimarães, ele acredita que a melhor forma de fomentar cultura em um bairro é a existência de “casas de cultura”, pois é delas que serão desenvolvidas atividades culturais e é nesse espaço que a comunidade vai ter um lugar pertencente. Em consonância com essa fala, durante uma visita guiada, já mencionada, Hanster Silva contou que na Casa de Cultura do Padre Faria são oferecidas aulas de karatê, judô, bordado, ginástica para a

terceira idade, além de ter computadores e biblioteca para uso da comunidade.

Desse modo, se pensarmos na precariedade com que a cultura nos bairros periféricos é tratada - quando analisamos o investimento municipal - a fomentação de casas de cultura é de grande importância, principalmente, porque quando avaliamos o mapeamento dos equipamentos culturais vemos que em toda a sede de Ouro Preto existem somente 6 casas de cultura, espaço físico que desempenha papel importante no fomento de cultura nos bairros. Logo, é de se questionar se realmente há o interesse em investir cultura na periferia.

Ao tratarmos da supervalorização da área tombada da cidade em detrimento das áreas periféricas, fica evidente a existência da desigualdade social, que como o diretor de Promoção da Igualdade Racial da Casa de Cultura Negra disse:

A desigualdade social vai sempre empurrando a gente para as margens. É uma coisa que eu sempre tento frisar muito, eu acho muito interessante fazer eventos aqui na Casa de Cultura Negra, fazer eventos da periferia é super válido, mas é interessante também quando a **periferia vai até o centro** (Kedison Guimarães, informação oral, grifo nosso).

A periferia até vai para o centro, mas em que condições? Isso ainda é um desafio que tratamos nesta pesquisa.

Um exemplo recente foi o “MinaBeat - No Embalo do Charme”, realizado no dia 13 de julho de 2025, que ocorreu no Largo do Cinema diferentes expressões artísticas - Cortejo Afroxé, Samba de Terreiro com o Grupo Batuquere, Baile Charme (Coletivo Vila Pobre), Batalha de Minas e apresentação de Hip Hop - dentro da programação do Festival de Inverno 2025³⁰. No local havia uma estrutura básica para os artistas, mas nada pensado para a população como barraquinhas de comidas ou bebidas, evidenciada pela Figura 13 abaixo.

³⁰ Programação disponível em: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/noticia/4916>. Acesso em: 03 ago. de 2025.

Figura 13: MinaBeat - No Embalo do Charme (Largo do Cinema)



Fonte: Flora Passos, 2025 (montagem da autora).

A estrutura fornecida contrasta radicalmente com a abundância nos eventos do circuito oficial que trouxemos no primeiro capítulo desta pesquisa *Vila Rica: A cidade-monumento como palco das práticas socioculturais dominantes*, que representa o paradoxo da política cultural

de Ouro Preto, em que a periferia é convidada para o centro, mas não é acolhida da mesma forma.

Além disso, os coletivos Vila Pobre e Majuma, publicaram uma nota de repúdio nas mídias sociais - Instagram - relatando que a organização do evento "contratou diversos artistas, com o discurso de valorização da arte e artistas locais"³¹, no entanto, quando o assunto é o pagamento destes artistas não há retorno de quando será realizado, mesmo após um mês das apresentações e quase 15 dias após o fim das atividades do Festival de Inverno. Enquanto essa contradição persistir, a "Voz do Povo" continuará sendo abafada.

Há 100 anos atrás, os modernistas reconhecem Ouro Preto como Patrimônio Artístico e Cultural do Brasil, aí depois a gente vira Patrimônio Cultural da Humanidade reconhecido pela UNESCO. É necessário que a gente entenda que hoje a gente precisa voltar os olhos para o patrimônio natural e arqueológico de Ouro Preto e que é necessário a gente reconstruir a história, pensando que a gente precisa criar uma narrativa para os próximos 100 anos. **Os modernistas trouxeram a gente até aqui, o que a gente faz daqui para frente?** (Douglas Aparecido, informação oral, grifo nosso)³².

A fala anterior foi de Douglas Aparecido, durante uma visita guiada da exposição "Fala Quilombo", no Museu Casa dos Contos. Ele nos lança um desafio na pergunta final. A resposta, entendemos que está nas ruas; nas lutas dos coletivos por espaços de representação, pela apropriação dos espaços elitizados e pela comunidade periférica. O próximo capítulo de Ouro Preto será escrito com a voz do povo que se recusa a ser abafada.

³¹ Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DNRyMG6NW-3/?igsh=MWpmdHE2dnJ1bDRvdw==>.

Acesso em: 13 jul. de 2025.

³² Durante uma visita guiada da exposição "Fala Quilombo", no Museu Casa dos Contos, no dia 15/05/2025.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar a relação entre cultura e cidade em Ouro Preto, com foco nas desigualdades de investimento, visibilidade e apropriação do espaço urbano das práticas socioculturais dominantes em detrimento das expressões periféricas, que ocorrem nos chamados “fundos de bairro”. A pesquisa confirmou a hipótese inicial de que a cidade, reconhecida como Patrimônio Mundial, prioriza uma narrativa elitizada e turística, marginalizando manifestações culturais que não se alinham à cultura hegemônica.

A Praça Tiradentes consolida-se como um espaço de poder simbólico e material, palco de eventos financiados por grandes investimentos públicos e privados, que reforçam uma imagem da cidade voltada para o turismo e a celebração de um passado colonial. Em contrapartida, as práticas culturais periféricas desenvolvem-se com pouco ou nenhum apoio institucional, e muitas vezes enfrentam censura ou invisibilidade quando conseguem ocupar o centro.

A análise dos investimentos culturais e de restauração mostrou que grande parte dos recursos é direcionado à manutenção do patrimônio material representativos do período colonial e à realização de eventos de grande porte, enquanto as expressões imateriais e contemporâneas lutam por reconhecimento e financiamento. Essa dinâmica reproduz e intensifica a segregação socioespacial, excluindo parte significativa da população ouropretana do direito à cidade e à participação cultural.

Os relatos dos “fazedores de arte” e a pesquisa com os moradores evidenciaram que, embora exista uma rica e diversa produção cultural fora do núcleo histórico, ela é pouco conhecida, valorizada ou integrada ao calendário oficial da cidade. A falta de infraestrutura, de transporte adequado e de políticas culturais descentralizadas são barreiras que impedem o acesso e o desenvolvimento cultural de maneira equitativa.

Portanto, este trabalho conclui que é necessário repensar o modelo de gestão cultural de Ouro Preto, de modo a: (1) reconhecer e valorizar

a diversidade cultural como parte da identidade da cidade; (2) descentralizar os investimentos e eventos, levando a cultura para além do centro histórico; (3) criar mecanismos para garantir a infraestrutura e acesso para toda a comunidade ouropretana às manifestações culturais.

Ouro Preto não é apenas “pedra e cal”, é também hip hop, samba e resistência. Colocar os “fundos de bairro” no centro significa, portanto, não apenas uma mudança geográfica, mas sobretudo uma transformação política e simbólica em direção a uma cidade mais justa e diversa.

Esta pesquisa espera, assim, contribuir para ampliar o debate sobre a cultura viva em Ouro Preto e inspirar novas pesquisas que coloquem, de fato, as vozes periféricas no centro do palco cultural da cidade.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana**. Goiânia: Habitus, v. 4, nº 1, p. 425-435, jan/jun. 2006.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 83 p. (Coleção primeiros passos; 36)

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 jun 2025.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 17 ago. 2025.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 12 mar. de 2025.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a formação do homem**. In: Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 81-90.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o "direito à cidade"**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, v. 11, nº 01, 2020, p. 349-369.

CARNEIRO, Juno Alexandre Vieira. **A execução das obras no PAC Cidades Históricas nos sítios patrimônio da humanidade**. Revista Técnica CNM, 2016.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 59-79.

FUNARI, Pedro Paulo A., CARVALHO, Aline Vieira. **O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do Quilombo de Palmares.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, nº 1, p. 33-47, 2005.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Extrato anual de 2024 - Transferências.** Disponível em: <http://robin-hood.fjp.mg.gov.br/extratos/anual>. Acesso em: 12 mar. 2025.

HARVEY, David. **O espaço como palavra-chave.** Rio de Janeiro: Revista em pauta, nº 35, v. 13, 2015, p. 126-152.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA - IFAC. **Acervo Fotográfico - Luiz Fontana.** Disponível em: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/>. Acesso em: 12 fev. 2025

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Lista dos Bens Tombados e Processos em Andamento.** Fevereiro, 2025. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em 28 fev. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. **Patrimônio cultural urbano: espetáculo contemporâneo?** Revista de Urbanismo e Arquitetura, Salvador, nº 8, p. 32-39, abr. 2003.

LEITE, Paula Lara. **Os elos e as contradições entre a normatização do patrimônio e o espaço vivido no bairro Padre Faria em Ouro Preto (MG).** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** 5ª ed. 2ª reimpressão. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo. Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Traduzido por Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

MOASSAB, Andréia. **O patrimônio arquitetônico no século 21: para além da preservação uníssona e do fetiche do objeto.** Arquitectos 198.07 patrimônio imaterial, ano 17, nov. 2016.

PASSOS, Flora d'El Rei Lopes. **ENTRE A ESPETACULARIZAÇÃO URBANA E AS VIVÊNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS:** descortinando coletivos culturais na zona portuária do Rio de Janeiro. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

PASSOS, Flora d'El Rei Lopes; NOGUEIRA, Rodrigo da Cunha. **CULTURA E CIDADES PATRIMONIALIZADAS EM MINAS GERAIS**: por um planejamento urbano etnográfico e decolonial. Natal: Anais XVIII ENANPUR, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Webgis Plano Diretor**. 2025. Mapa com Levantamento dos Bens Registrados e Tombados em Ouro Preto, escala 1:100. Disponível em: <https://webgis.ouopreto.mg.gov.br/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Lei Complementar nº 93, de 20 de janeiro de 2011**. Estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano do Município de Ouro Preto. Ouro Preto/MG. Câmara Municipal, 2011. Disponível em: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/static/lei-complementar-93-parcelamento-uso-e-ocupa-o-do-solo.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Dossiê de Tombamento do Núcleo Histórico de Ouro Preto - Parte I**. Ouro Preto, 2011. Disponível em: <https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/bem-tombado/1779>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANT'ANNA, Márcia. **Da cidade-monumento à cidade-documento**: a norma de preservação de áreas urbanas no Brasil: 1937-1990. Salvador: Oiti, 2014.

SANTOS, Lucas Ramos de Oliveira. **Minas abertas e patrimônios gerais**: Reflexões sobre a colonialidade da Natureza e os investimentos de megamineradoras na preservação e utilização do patrimônio cultural edificado em Ouro Preto. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2024.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993. 157 p.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2012. 285p.

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. Traduzido por Marta Ines Medeiros Marques e Marcelo Barreto. São Paulo: GEOUSP - espaço e tempo, nº 32, 2012, p. 89-109.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Traduzido por Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO. **Calendário Anual de Eventos**. 2024. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/arquivos/calendario.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Diferentes olhares sobre a preservação das cidades**: entre os dissensos e os diálogos dos moradores com o patrimônio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Marcos Felipe Sudré. **A FESTA E A CIDADE**: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano. 2010. 136f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SMITH, Robert Chester. **Robert Smith e o Brasil**: arquitetura e urbanismo. vol. 1. organização, Nestor Goulart Reis Filho. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**: Formação e Desenvolvimento - Residências. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. 198p.

APÊNDICE A - Formulário Comunidade: Culturas Periféricas

30/09/2025, 10:51

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

Olá, meu nome é Vitória Marques, sou estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFOP e estou realizando meu Trabalho Final de Graduação, este formulário faz parte desta pesquisa e trata-se das **culturas periféricas de Ouro Preto**.

O objetivo é compreender as expressões culturais presentes nas periferias do município e seus desafios a partir da voz dos moradores da cidade.

A participação é totalmente **anônima** - não serão coletadas informações que permitam identificar diretamente os(as) respondentes. No entanto, ao enviar suas respostas, você **autoriza o uso e a divulgação** das informações fornecidas para fins exclusivamente acadêmicos.

Sua colaboração é essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Obrigada por contribuir!

Caso queira tirar dúvidas ou enviar alguma sugestão, basta me enviar um e-mail (vitoria.fernandes@aluno.ufop.edu.br), estarei à disposição.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. **Você é: ***

Marcar apenas uma oval.

☐

Morador(a)

☐

Morador(a) e artista

2. **Idade: ***

30/09/2025, 10:51

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

3. Com qual gênero se identifica? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Mulher Cis
- ☐ Mulher Trans
- ☐ Homem Cis
- ☐ Homem Trans
- ☐ Não binário
- ☐ Prefiro não declarar
- ☐ Outro: _____

4. Como declara sua raça/etnia, conforme as denominações do IBGE? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Preta
- ☐ Parda
- ☐ Branca
- ☐ Indígena
- ☐ Amarela

5. Em que bairro você reside atualmente? *

**6. Você conhece alguma ação e/ou grupo cultural no seu bairro?
Se sim, qual?**

30/09/2025, 10:51

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

7. **Como você avalia a qualidade das ações e/o grupos culturais do seu bairro?**

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Bom
- ☐ Regular
- ☐ Ruim
- ☐ Não existem/ Não conheço

8. **Com relação à resposta anterior, o que acha que poderia ser feito para melhorar a qualidade dessas ações e/ou grupos culturais?**

9. **Na sua visão, onde os eventos da cidade são realizados com maior frequência?**

30/09/2025, 10:51

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

10. **Você costuma ir ao centro histórico para participar das atividades culturais? Por quê?**

11. **Quais são as principais ações culturais que você participa, no centro histórico?**

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Mostras em museus
☐ Shows/Festivais
☐ Eventos tradicionais (ex: carnaval)
☐ Eventos religiosos (ex: procissões)
☐ Outro: _____

12. **Quais dificuldades você enfrenta para acessar essas ações culturais?**

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Falta de tempo
☐ Transporte público
☐ Não conheço a programação
☐ Horário dos eventos
☐ Outro: _____

30/09/2025, 10:51

Estudo sobre as culturas periféricas de Ouro Preto

13. **Você sente que as ações culturais são para os moradores? Por quê?**

14. **Se você pudesse sugerir uma ação para a Prefeitura de Ouro Preto, qual seria?**

15. **Caso se sinta confortável, compartilhe uma experiência pessoal sobre o acesso às ações culturais na cidade.**

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários